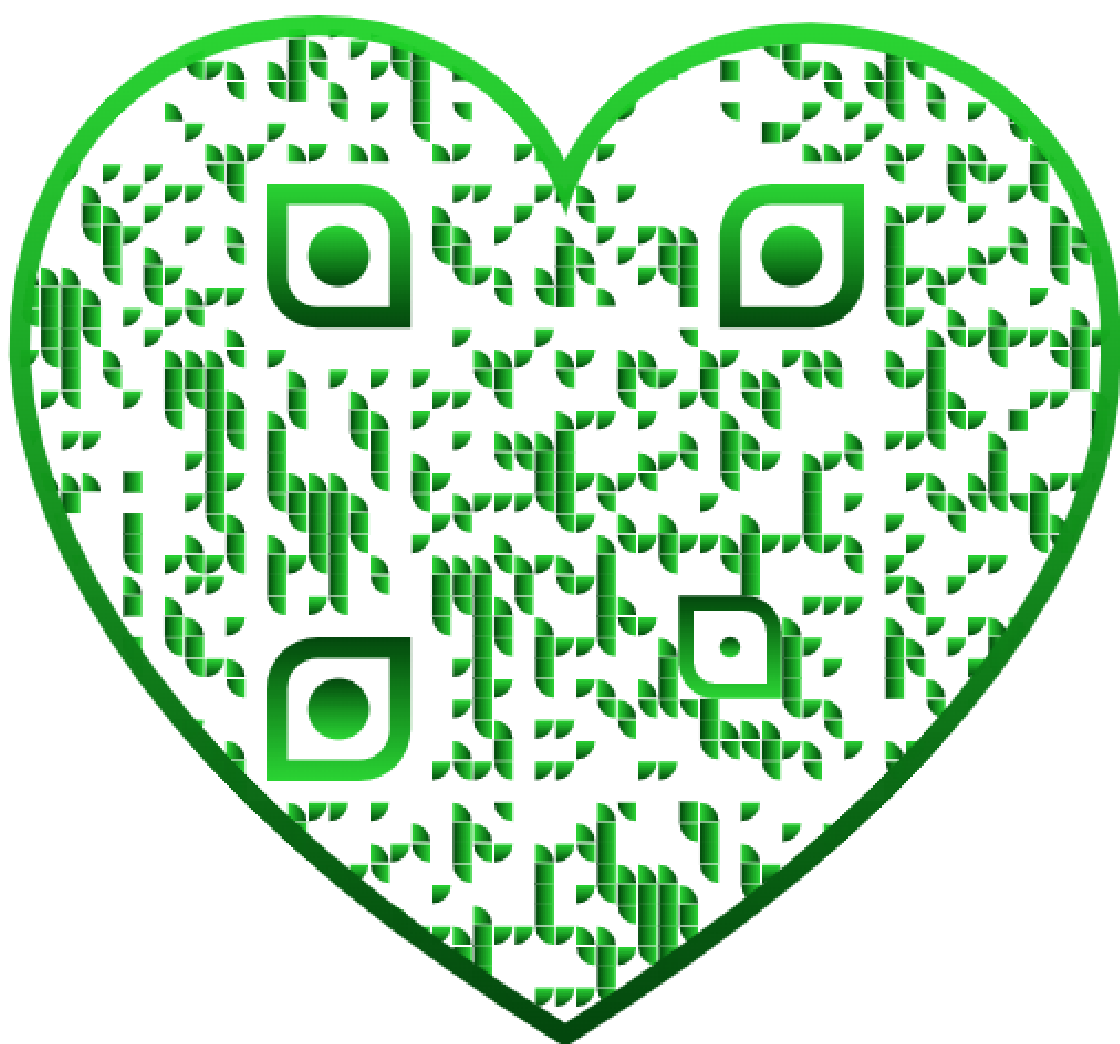
CONTOS DE AREIA E MAR

ALWYN HAMILTON

HISTÓRIAS DO UNIVERSO DE
A REBELDE DO DESERTO

SEGUINTE



CONTOS DE AREIA E MAR

ALWYN HAMILTON

Tradução
ERIC NOVELLO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

SÉRIE A REBELDE DO DESERTO

vol. 1: *A rebelde do deserto*

vol. 2: *A traidora do trono*

vol. 3: *A heroína da alvorada*

Extra: *Contos de areia e mar* (e-book)

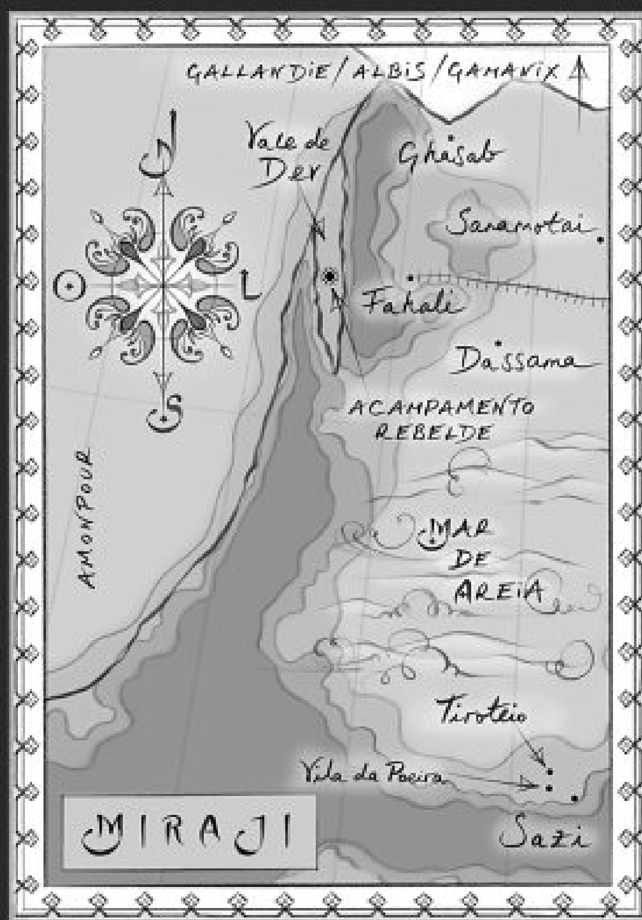
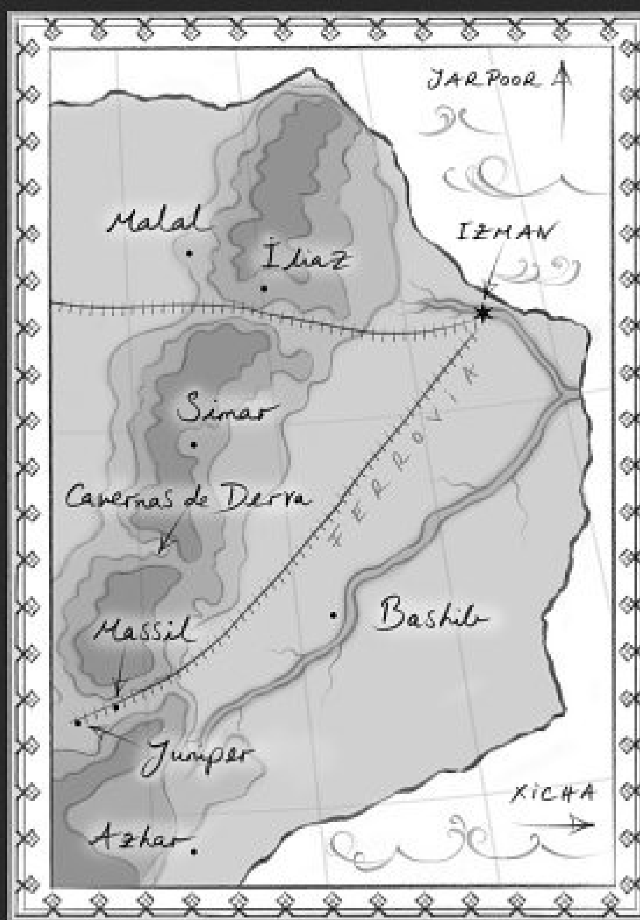
Sumário

O carregamento roubado

A garota do mar

A lenda do herói Attallah e da princesa Hawa

O djinni e a fugitiva


GALLANDIE / ALBIS / GAMANIX
Vale de Der
Ghasab
Saramotai
Fahali
Dassama
ACAMPAMENTO REBELDE
AMONPOUR
MAR DE AREIA
Tiroteio
Vila da Poeira
Sazi
MIRAJI

JARPOOR
Malal
Iliaz
IZMAN
Simar
FERROVIA
Cavernas de Derra
Massil
Bashib
Jumper
Azhar
XICHA

O carregamento roubado



A NEVE ESTAVA COMEÇANDO A COBRIR AS RUAS DE DUNPORT.

O porto na costa nordeste de Albis era uma coleção soturna de casas com telhado cinza e armazéns com paredes sujas, tudo amontoado em torno das docas que se alastravam por ali. Um último refúgio antes de a costa virar uma área de penhascos sem lugar seguro para ancorar. Mas com o céu escurecendo e os flocos brancos cobrindo a cidade, um pouco da imundície do mundo parecia desaparecer. Se você estreitasse os olhos, por um momento ela pareceria a Albis de antigamente, com chalés antigos apinhados na escuridão à beira-mar.

— Nosso tempo está acabando — Ahmed comentou, com a boca na caneca de cerveja que fingia beber.

Jin desviou a atenção da vidraça grossa da janela e da neve virando gelo em torno da moldura. Atrás do seu irmão, o capitão Estevo do *Rainha de Marfim*, o alvo designado a eles, permanecia em uma das enormes mesas de carvalho da taverna, com uma fileira de garotos albish à sua frente. Um homem careca mais baixo estava sentado ao lado do capitão, com um enorme livro de registros aberto à sua frente, fazendo anotações enquanto cada garoto argumentava por que deveria ser contratado para a tripulação e então entregava seu dinheiro. Eles tinham sido informados de que o dinheiro pagaria os suprimentos necessários para ter mais gente a bordo. Para muitos ali, era todo o dinheiro que tinham. Mas não importava; afinal, eles tinham ouvido histórias sobre homens que voltaram do mar com riquezas incontáveis. E tinham esquecido dos muitos que não voltavam.

Os garotos eram ou estúpidos ou esperançosos, o que para Jin era a mesma coisa. Não que ele pudesse falar muito. Ele e Ahmed tinham sido assim cinco anos antes.

— Ainda temos um tempo. — Jin se encostou na parede, observando calmamente as atividades. — Enquanto ele estiver aqui, temos tempo. — Mas ele sabia que Ahmed estava certo. A alfândega logo fecharia por causa da neve. Muitos provavelmente já estavam voltando para casa. Isso significava metade do tempo e metade dos fiscais aduaneiros para subornar em busca de informações sobre o maldito lugar onde o *Rainha de Marfim* estava atracado. E isso significava que o capitão Estevo

provavelmente desejaria partir antes que a nevasca piorasse.

Mas navios não desapareciam assim de repente, mesmo que essa fosse a única explicação encontrada pelo Jovem Johannes depois de passar um dia inteiro verificando de novo e de novo todas as docas na cidade, examinando cada casco ancorado no porto gelado em busca de sinais de que um deles pudesse ser o *Rainha de Marfim* velejando sob um nome falso. O Velho Johannes tinha dado um safanão na cabeça do neto quando o garoto começou a tagarelar sobre histórias de cidades inteiras que ficaram invisíveis graças a poderes imortais, ou palácios que se transformavam em vento a cada alvorada, surgindo em um novo lugar a cada crepúsculo.

"Se o *Rainha de Marfim* pudesse virar vento, ele já teria levado todos nós à falência", o capitão Whit tinha comentado com a tripulação reunida no convés do seu próprio navio, o *Gaivota Negra*. Ele passou a mão pelo cabelo alvo. Estava com uma expressão mais preocupada do que Jin costumava ver. Precisavam encontrar o outro navio antes que içasse vela, ou o perderiam de vista para sempre. Essa era a missão. O *Rainha de Marfim* não poderia deixar Albis com seu carregamento.

No fim das contas, o único rastro que acharam foi um aviso afixado na alfândega, misturado aos outros, informando onde e quando os candidatos em busca de emprego que estivessem aptos física e mentalmente poderiam encontrar o capitão Estevo. O capitão Whit ignorou as muitas sugestões de sua tripulação de que deviam ir lá e exigir as informações com os próprios punhos. Isso só faria com que todos fossem presos. Então Jin e Ahmed tinham sido encarregados de ficar de olho no capitão Estevo enquanto o resto da tripulação do *Gaivota Negra* vasculhava Dunport em busca de qualquer sinal do *Rainha de Marfim*.

— Precisamos de um plano — disse Ahmed, se remexendo no banco diante de Jin. — Caso ele vá embora.

Jin percebeu que o irmão estava ficando nervoso. Ahmed não era bom em fingir. Ele tinha um daqueles rostos sinceros. Por isso Jin tinha feito questão de deixá-lo de costas para Estevo.

— Seu plano é abrir um buraco na mesa? — Jin perguntou, apontando para os dedos de Ahmed, que tamborilavam a mesa ansiosos já fazia algum tempo. Seu irmão parou, descansando a mão contra a madeira manchada de cerveja.

Alguém que não conhecesse Ahmed muito bem podia pensar que ele só estava preocupado com a possibilidade de Estevo partir. Mas Jin conhecia seu irmão como a palma da própria mão.

— Não é roubo se o carregamento já é roubado, viu? — Jin disse, recomeçando a discussão que já haviam tido uma centena de vezes. Toda vez que Ahmed tinha algum surto de moralidade.

O irmão deu um sorriso pesaroso para Jin.

— É sim. Até porque duvido que o carregamento fosse mesmo de Bawden pra começo de conversa.

Provavelmente era verdade. Jack Bawden estava longe de ser um homem honesto. Eles já tinham feito negócios com ele algumas vezes em Braechester, mais ou menos dentro da legalidade. Todos sabiam que se você aportasse em Braechester por mais de uma noite, era melhor molhar a mão de Jack Bawden. A menos que quisesse que seu cordame fosse cortado, e seu casco começasse a vazar no meio da próxima viagem. Uma vez, Jin e Ahmed tinham visto um navio ser incendiado nas docas. Pólvora mal armazenada, segundo as autoridades.

Por outro lado, se você estivesse levando um carregamento ilícito para Albis, todos sabiam que

Braechester era um bom lugar para aportar. E Jack Bawden era um homem que sabia desviar a atenção dos fiscais aduaneiros enquanto você levava o carregamento para terra firme.

Mas a esfera de influência de Jack Bawden era limitada. Seu império era Braechester; fora dali ele estava sujeito à lei como qualquer um. E parecia que o capitão Estevo tinha feito o impossível: roubara de Jack Bawden e escapara ileso daquele reino de pequenos crimes para um porto mais seguro. Jack não tinha como entregar o capitão Estevo para as autoridades, não importava o quanto as subornasse. Ficaria a ver navios, pelo menos enquanto o capitão Estevo velejasse sob a bandeira do rei de Espa. Nenhum soldado albish arriscaria atacar um navio espasiano e provocar uma guerra.

Então Jack Bawden fez o que Jack Bawden costumava fazer: contratou outros homens para cuidar do trabalho sujo e arriscar o pescoço em seu lugar. Ele precisava de um navio para seguir o *Rainha de Marfim*. O *Gaivota Negra* aportou um dia depois da partida do *Rainha*. Então foram contratados.

— E daí que o carregamento foi roubado do homem que o roubou? — Jin deu de ombros, ignorando as preocupações do irmão. Quaisquer que fossem as inquietações morais de Ahmed, Jin não as compartilhava. — Nós roubamos de volta e a roda continua a girar. E somos pagos — ele acrescentou, caso o irmão tivesse esquecido o motivo de estarem fazendo aquilo.

Ahmed assentiu, embora parecesse perdido em pensamentos. Ele sabia tão bem quanto Jin por que estavam fazendo aquilo. Pela mãe e pela irmã deles. Precisavam do dinheiro por elas.

Houve algum movimento atrás de Ahmed. Jin mudou de posição para observar melhor. O homem calvo e baixo perto do capitão estava fechando o livro de registros, tomando cuidado para deslizar o marcador de página de pano esgarçado entre as páginas para marcar o lugar. E o capitão Estevo se levantava, dispensando os jovens que ainda estavam na fila. Já devia ter preenchido sua cota.

Ahmed notou a expressão de Jin e lançou um olhar por cima do ombro para Estevo, analisando rapidamente a cena antes de virar de volta.

— Ele está indo embora.

— Eu percebi. — Jin olhou de relance para a porta. Ninguém do *Gaivota Negra* tinha vindo falar com eles. O que significava que ainda não haviam encontrado o *Rainha de Marfim*.

— Então vamos segui-lo. — A voz de Ahmed assumiu um tom prático, suas preocupações subitamente esquecidas. Seu irmão podia carregar o fardo de ter um senso moral, mas isso não o impedia de agir rápido em momentos de crise. Jin podia confiar no apoio dele, não importava o que acontecesse.

— Você viu o estado das ruas? — A neve tornava impossível seguir o capitão com rapidez. Cada passo era traiçoeiro, não dava para sair do campo de visão se escondendo atrás de uma construção. Se Estevo olhasse para trás, talvez não visse Jin e Ahmed, mas certamente veria suas pegadas na neve.

Do outro lado da taverna, capitão Estevo e os membros da tripulação que o haviam acompanhado vestiam chapéus de aba larga para se protegerem do clima. Logo seguiriam até a porta. Jin e Ahmed precisavam tomar uma decisão.

Capitão Estevo se moveu em direção à porta da taverna, com seu escriba e os dois guarda-costas que trouxera consigo logo atrás, como a espuma do mar atrás de um navio poderoso. Em três batidas de coração eles alcançariam a mesa de Jin e Ahmed. Em quatro, teriam passado. Em cinco, seria seguro segui-los. Só que segui-los não era nem um pouco seguro.

Jin contou as batidas enquanto os homens se aproximavam de sua mesa.

Uma.

Duas.

Três.

Antes de saber o que estava fazendo, Jin estava de pé entre o capitão Estevo e a porta, bloqueando sua saída. De canto de olho, viu os ombros de Ahmed murcharem, resignados ao fato de que eles estavam prestes a cometer alguma estupidez.

Capitão Estevo piscou surpreso, como se tentasse registrar o obstáculo em seu caminho. Ergueu a mão para seus capangas, e um deles avançou na direção de Jin para tirá-lo da frente. Mas Jin falou primeiro:

— Você ainda não chegou ao fim daquela fila — Jin disse em tom de acusação, em espasiano, indicando com a cabeça o grupo de garotos pelo qual o capitão tinha passado no caminho para a porta. Eles não sabiam se deveriam ir embora ou ficar, incertos se tinham perdido sua oportunidade.

Capitão Estevo demonstrou surpresa diante do uso de seu idioma nativo. Ele levantou a mão para interromper seu guarda-costas, rendendo um pouco de tempo para Jin. Ele recomeçou a falar antes que seu interesse se dissipasse.

— Você nem está na fila — Estevo replicou calmamente no mesmo idioma. — Simplesmente não se deu ao trabalho de ficar esperando tanto tempo de pé? Posso te dizer agora mesmo que preguiça não é uma qualidade que busco em um marujo.

Capitão Estevo tinha um olhar que Jin aprendera a reconhecer como de alguém que passara a vida velejando. O capitão não devia ter mais que três décadas de idade, mas seu rosto estava marcado com linhas de expressão por causa do sol, do sal e do vento marinho. Olhos escuros inteligentes pairavam sobre um nariz aquilino que mais parecia um bico, e seu cabelo escuro encaracolado estava ajeitado para trás sob a aba do chapéu grande e surrado.

Aqueles olhos inteligentes analisaram Jin, claramente tentando entender quem era aquele garoto em seu caminho. Jin endireitou os ombros, fazendo o melhor possível para parecer mais novo do que seus dezesseis anos e mais arrogante do que tinha direito de ser. Suficiente para que o capitão Estevo talvez o subestimasse.

— Queria que você visse o que a escória de Dunport tem a oferecer, para que pudesse apreciar que bela contratação eu seria.

De canto de olho ele podia jurar ter visto seu irmão revirar os olhos diante daquele blefe. Mas ele sabia que Ahmed estava a postos, pronto para sacar a arma se Jin precisasse dele. Se aquilo não seguisse os rumos que imaginava.

Capitão Estevo examinou Jin, pensativo, lábios contraídos.

— Como você veio parar tão longe de casa, garoto xichan?

Xicha não é a minha casa. Mas Jin mordeu a língua em vez de dizer isso. Era raro alguém conseguir perceber que ele não era totalmente xichan. Não conseguiam enxergar além das feições orientais que ele tinha herdado da mãe e adivinhar que talvez pudesse ser de outro lugar. Ainda mais quando estava ao lado de Ahmed, com sua pele escura e cabelo escuro encaracolado, típicos do deserto.

— Eu estava trabalhando no *Prêmio da Fortuna* — Jin mentiu, improvisando. — Pulei fora quando o primeiro marujo começou a ficar doente. Ouvi falar que foi uma boa escolha.

O *Prêmio da Fortuna* era um navio mercante que tinha sido encontrado algumas semanas antes, flutuando perto da costa, entre Albis e Gallandie. Estava tripulado apenas por cadáveres. Disseram que, pelo visto, alguma doença tinha devastado a tripulação. Dunport tinha sido seu último porto. A mentira poderia funcionar se Estevo não a investigasse muito de perto.

Jin estava prestes a listar suas qualificações, seus anos no mar, cada nó e manobra de navegação que sabia fazer, quando o olhar do capitão Estevo pousou em Ahmed, ainda sentado, encarando sua bebida.

— E quem é esse?

— Alguém com quem bebia enquanto esperava. — Jin deu de ombros, tentando olhar com desinteresse para o irmão. — Conheci esta noite.

Capitão Estevo analisou Ahmed. E quando falou novamente, não foi em albish. Embora mal conseguisse usar o idioma que pretendia.

— Você então conheces o língua deserto? — ele perguntou em mirajin com um sotaque terrível que quase fez Jin se contorcer, atraindo a atenção de Ahmed. Ele arqueou uma sobrancelha. Mas Estevo o ignorou e voltou a falar com Jin em espasiano: — Se estava conversando com esse garoto do deserto, deve conhecer pelo menos um pouco.

— Eu falo mirajin, se é isso que está me perguntando — Jin respondeu em seu idioma nativo, mais rápido do que precisava.

— Um linguista e tanto — capitão Estevo disse, pensativo. — Não preciso de outro garoto que saiba dar nós ou subir num cordame. Posso dar a qualquer idiota uma corda para se enforcar ou observá-lo cair e quebrar o pescoço por não ouvir direito. — Jin tinha quase certeza de que não estava recebendo o mesmo tipo de proposta que os outros garotos na fila tinham recebido. — Preciso de um intérprete. Nosso último nos deixou em Banbrigan. Uma garota de lá o convenceu a ficar em terra firme. — Sua voz saiu cheia de desdém. — Diga, meu amigo xichan, você é do tipo que pode ser convencido por uma garota a abandonar seu navio e seus deveres?

— Não é o que diz meu histórico — Jin retrucou, seco.

Capitão Estevo assentiu novamente.

— Nesse caso, está contratado. Junte suas coisas e esteja na doca 213 em uma hora.

Uma pequena esperança surgiu no peito de Jin, mas morreu rapidamente. A doca 213 não podia ser o ancoradouro do *Rainha de Marfim* — aquele lado das docas era para barcos menores, botes e barcos de pesca. Não adiantava sair correndo até o capitão Whit e mandar sua tripulação para lá. Mas Jin só exibiu para o capitão inimigo um sorriso excessivamente confiante, como se tivesse conseguido exatamente o que queria, e deu um passo para o lado, liberando a passagem.

Ele esperou enquanto a pequena tripulação reunida passava rápido por ele, até que estivessem todos fora da taverna, antes de desabar novamente no banco diante do seu irmão. Ahmed o observava com uma resignação questionadora.

— Bem — seu irmão comentou, enquanto tomava mais um gole da caneca. — Esse é um jeito de lidar com a situação.

Já caía uma tempestade de neve quando Jin chegou às docas. Ele se manteve um pouco à parte do grupo de garotos mais novos e nervosos, um avaliando o outro enquanto batiam o pé para afastar o frio. Jin trazia uma sacola com alguns de seus pertences pendurada no ombro para desempenhar seu papel.

Jin só precisava manter o blefe por mais um tempo. Só o suficiente para chegar até o navio e o resto da tripulação do *Gaivota Negra* encontrá-lo. Ele deslizou a mão para o bolso, verificando se a bússola estava lá. Aquela sincronizada com a de Ahmed. A que seu irmão e o capitão Whit poderiam usar para rastreá-lo.

O capitão não tinha parecido nem um pouco surpreso quando Ahmed e Jin relataram que haviam ignorado suas ordens e confrontado Estevo.

— E você acha que consegue continuar vivo até a gente te encontrar? — o capitão do *Gaivota Negra* perguntara a Jin, girando a bússola de Ahmed na mão enquanto explicavam seu plano.

— Mesmo que eu não consiga, você ainda vai poder rastrear o navio — Jin retrucara, recusando-se a se acovardar diante daquela alusão casual à morte.

— Desde que não joguem seu cadáver no mar — o capitão rebatera.

— Ele não precisa permanecer a bordo — Ahmed argumentara, levando a morte mais a sério que o irmão. — Se tudo que Jack Bawden quer é vingança contra Estevo, então podemos ter o mesmo resultado começando um incêndio no porão de carga. A fumaça vai danificar quase tudo, então a carga não vai servir para nenhum dos dois.

Capitão Whit arqueara uma sobrancelha para Ahmed.

— De vocês dois, não era de você que eu esperava uma sugestão de botar fogo em tudo. Mas nesse caso não é uma boa ideia. Posso garantir a vocês que Bawden definitivamente quer recuperar o carregamento. E em boas condições. — Seus olhos alternaram entre os dois irmãos. — Sinto que mesmo se eu disser com todas as letras para não atearem fogo em nada, amanhã cedo haverá fumaça no horizonte. Então não vou dizer isso. Mas… façam o possível. Essa carga é valiosa e só seremos pagos se conseguirmos devolvê-la intacta. Entenderam?

Jin entendia. O dinheiro falava mais alto.

E era por isso que Jin estava de pé nas docas, com as mãos nos bolsos para esquentar, enquanto a neve rodopiava ao redor. Ele não ligava tanto para o frio quanto Ahmed. Jin observou a escuridão em torno das docas, que servia de esconderijo para seu irmão e o resto da tripulação, a postos para ajudá-lo se precisasse. Esperando que ganhasse distância antes de irem atrás.

Era tarde, e a neve cobria a cidade com um manto branco. Ela trazia à tona uma memória de Jin enterrada fazia muito tempo. Não de neve, mas de areia, dunas intermináveis alternando de dourado para branco enquanto ele se afastava da costa num navio. Ou talvez fosse apenas uma história que sua mãe tinha contado.

— Bom, pelo menos sabemos que vocês todos conseguem ser pontuais. — A voz arrancou Jin de sua memória. Ele se virou rápido e viu o capitão Estevo de pé na proa de um pequeno barco pesqueiro na doca. Ele não o havia reconhecido, de início, falando albish para o grupo reunido. O

capitão fez um movimento com a cabeça. — A bordo, todos vocês.

Os garotos recém-contratados avançaram, e Jin os seguiu um pouco mais devagar, deixando os outros se aglomerarem na frente. Ele podia sentir o olhar de Estevo enquanto se aproximava, mas o capitão não disse nada quando Jin subiu a bordo e sentou entre os demais.

Eles seguiram pelas ondas agitadas, com dois membros da tripulação remando para cada vez mais longe de Dunport, enquanto a água batia de todos os lados. Jin encolheu os ombros para se proteger da tempestade de neve e fingiu observar as botas enquanto procurava furtivamente o *Rainha de Marfim*. Mas eles se afastavam cada vez mais, chegando perto dos rochedos, sem nenhum sinal do navio.

Ele não podia acreditar, mas pareciam prestes a avançar em direção a rochas perigosas que deixariam o barco em pedacinhos.

De repente, com uma onda poderosa, o barco contornou os rochedos e lá estava o navio. Jin não conseguia mais fingir que não estava olhando. Ele soube, assim que viu o *Rainha de Marfim*, que nunca tivera chances de encontrá-lo. O navio estava ancorado à sombra dos rochedos, perto o suficiente para que o mar o agarrasse e destruísse seu casco nas rochas. Só que a embarcação não parecia lutar contra as ondas. A água ao redor parecia estranhamente calma, como se segurasse o navio no lugar.

Ao se aproximarem, uma longa escada de corda rolou para baixo, pendendo próxima à água. O capitão a agarrou primeiro, subindo e deixando que os outros fossem atrás. Jin agarrou a corda em seguida, subindo rápido. Ele passou por cima da balaustrada de madeira e pisou no convés.

A resposta para como o navio conseguia se manter inteiro estava ali em cima. Jin entendia de navios, e com uma rápida olhada podia identificar a função de todos ali, o motivo para estarem no convés em um clima como aquele. Todos exceto um homem de pé no tombadilho superior, imóvel, sem uma função óbvia. Ele estava protegido contra a neve sob várias camadas de roupa, com apenas o rosto visível. No escuro, era possível confundi-lo com alguém doente ou à beira de congelar. Mas Jin sabia que não era nada disso. A pele do homem tinha um tom cinza azulado. Ele não era totalmente humano. Era metade ser primordial. Um demdji, se fosse do deserto como a própria irmã de Jin; uma criança trocada, se fosse de Albis; ou um semideus, se viesse da península ioniana. Independente de como o chamassem, ele tinha poder sobre as águas. Era ele que mantinha o *Rainha de Marfim* escondido e seguro em águas tão perigosas.

E ele também tornaria impossível alcançá-los. Não importava que Ahmed pudesse seguir seu rastro. O *Gaivota Negra* não teria como alcançar o *Rainha de Marfim* enquanto este último controlasse as águas. Não a menos que a outra embarcação ganhasse asas como as do pássaro que a nomeava.

Depois de viver no *Gaivota Negra* por meia década, se ajustar a um novo navio era como acordar e de repente descobrir que suas botas não serviam mais. Jin dormiu mal no beliche que lhe indicaram naquela noite, e na manhã seguinte estava de pé em um convés estranho, verificando a bússola e lembrando a si mesmo que era tudo um plano. Ele não tinha cometido de verdade a traição de abandonar seus companheiros de tripulação por outro navio, como um homem que deixava a família por outra mulher.

A agulha da sua bússola apontava diretamente para a popa do navio, o que significava que Ahmed e

o *Gaivota Negra* estavam atrás deles. Mas não tinham chance de alcançá-los enquanto o mar fosse controlado pelo *Rainha de Marfim*. Na próxima noite, chegariam às águas mais quentes dos estreitos ionianos, e a chance de encontrar outros navios seria maior na passagem apertada. Não seria uma luta tão fácil quanto ali, nas águas abertas, frias e amplas, longe da terra.

Ele precisava atrasá-los.

Jin teve sua chance naquela noite, quando finalmente avançaram o bastante no mar para dispensar a criança trocada de suas obrigações no convés. Ele cambaleou até a cozinha onde todos estavam comendo, pouco depois do pôr do sol. O homem parecia exausto, ombros caídos, círculos cinza-escuro sob os olhos. Mantinha a cabeça baixa, evitando encarar o resto da tripulação.

A tripulação mais velha o ignorava, enquanto alguns dos garotos mais novos de Albish o observavam com curiosidade. Mas eles eram de uma ilha onde a magia governava; metade deles provavelmente tinha uma criança trocada na família. Não ficariam chocados com alguém que não fosse totalmente humano.

O homem sentou no canto, bebendo cerveja lentamente.

A mão de Jin se fechou em torno da bala de revólver em seu bolso. Quando teve certeza de que ninguém o observava, surrupiou uma das facas da mesa e abriu a bala, revelando a pólvora ali dentro.

Essa era uma das balas baratas compradas de um revendedor gallan, que com certeza as conseguira de segunda mão no deserto. Um pouco de ferro sempre acabava indo parar no meio da pólvora durante esse processo. Não seria muito, mas teria que servir.

Num movimento rápido, Jin jogou a pólvora no próprio copo antes de levantar.

Ele caminhou pelo refeitório, sentou no assento vazio na frente do homem e desceu o copo na mesa com tanta força que o homem abriu os olhos, surpreso. Ele encarou Jin inquisitivamente.

— Qual seu nome? — Jin perguntou, primeiro em albish. O homem o encarou de volta, como se tentasse entender o que estava acontecendo. Jin estava prestes a tentar outro idioma quando o homem finalmente respondeu:

— Oisin — ele disse em albish, com um forte sotaque. Estava segurando seu copo próximo ao peito, os olhos ainda pesados. Jin precisava que ele largasse aquele copo.

— Faz muito tempo que você está no *Rainha de Marfim*, Oisin?

Oisin ainda observava Jin desconfiado.

— Você quer alguma coisa? — ele perguntou. Droga, lá se ia o plano de ganhar mais tempo para ficar sentado ali. Jin precisava de uma desculpa para continuar a conversa até Oisin largar o copo.

— Eu quero saber — Jin improvisou — o que realmente aconteceu com o último intérprete.

Oisin riu pesaroso, se inclinou para a frente e deixou o copo na mesa próximo do de Jin, sem soltá-lo.

— O que você ouviu, novo intérprete?

— Que ele abandonou o navio para ficar com uma garota em Banbrigan. — Oisin deu uma risada curta de escárnio, inclinando a cabeça para trás. Jin ficou de olho em sua mão. — O que aconteceu de verdade?

— Por que está perguntando para mim? — Oisin quis saber.

— Porque acho que você não vai mentir.

Os olhos exaustos de Oisin estudaram o rosto de Jin.

— Não posso mentir, você quer dizer. — O reconhecimento silencioso do que Oisin era pairava entre eles. Metade ser primordial, incapaz de dizer uma palavra que não fosse verdade. — Bem, então posso dizer que mentiram para você. — A mão dele estava relaxando ao redor do copo. — Garanto que ele não nos deixou por causa de uma garota. — Finalmente, Oisin soltou o copo enquanto se reclinava contra a parede, cruzando os braços como se desafiasse Jin a perguntar mais.

E, na verdade, Jin estava louco para perguntar mais. Insistir. Ele precisava saber. Mas o que precisava ainda mais era incapacitar os poderes dele.

— Então, pelo visto… — Jin disse, estendendo a mão para o copo de Oisin em vez do seu. — É melhor eu tomar cuidado. — Ele levantou, deixando o próprio copo na mesa. Não arriscou olhar para trás para ter certeza de que Oisin ia bebê-lo.

Jin acordou na manhã seguinte com um chute em seu beliche. Levantou no mesmo instante, procurando uma faca que não estava lá, até lembrar que aquele não era o *Gaivota Negra*.

— Intérprete. — Jin estreitou os olhos na direção da lanterna a óleo que pairava acima dele e da silhueta escura atrás dela, que pertencia ao Capitão Estevo. — Levante. Precisamos de você.

Jin esfregou as mãos no rosto cansado, tentando ganhar um pouco de tempo.

— No último navio onde estive, levantávamos junto com o nascer do sol — ele reclamou. — Não tão cedo.

— Circunstâncias especiais — disse Estevo, esperando enquanto Jin calçava suas botas. O garoto lançou um olhar rápido para sua sacola de pertences enquanto se vestia. Sua arma estava lá, bem ao alcance. Mas não havia como pegá-la sem ser notado, não com Estevo na sua cola com a luz forte da lanterna. E ele não conseguia pensar em outro motivo para enfiar a mão na sacola.

Finalmente ele levantou, caminhando ao lado de Estevo enquanto deixava a cabine.

Jin amaldiçoou sua sorte enquanto caminhavam. Tinha torcido para evitar o capitão e seus olhos atentos até seus companheiros chegarem. Mas não teve como escapar. De qualquer forma, o *Gaivota Negra* provavelmente estava chegando perto.

Quanto tempo levaria até alcançá-los? Não devia faltar muito para o nascer do sol. Quanto tempo Jin tinha? Horas? Esperava que não demorassem o dia todo. Ao crepúsculo, quando chegassem a águas mais quentes, o ferro já teria deixado o corpo de Oisin. Deixando-o livre para impulsionar o navio adiante.

— Presumo que você fale xichan — o capitão Estevo disse, enquanto conduzia Jin pelas entranhas do navio. Estavam falando em espasiano. — Um idioma impossível, na minha opinião. A menos que se aprenda desde pequeno, como você. Agradeça aos céus por isso. — Jin não respondeu que xichan não era sua língua nativa. Ele aprendera o idioma com a mãe aos trancos e barrancos, quando fugiram do harém. Sua língua nativa era mirajin. Era nessa língua que ele e Ahmed falavam entre si.

Jin e o capitão chegaram a uma porta com um pesado ferrolho de ferro. O capitão Estevo empurrou para abrir com um movimento brusco.

— Preciso do seu xichan para conversar com parte do carregamento.

Então, um instante antes de o capitão empurrar a porta, Jin entendeu.

A porta abriu com força, revelando um compartimento escuro e úmido. Não era um bom lugar para guardar açúcar, que facilmente derreteria, ou sedas, que ficariam molhadas e apodreceriam.

Capitão Estevo deu um passo para a frente, e a luz de sua lanterna passou por uma série de rostos ao longo das paredes. Garotas jovens e amedrontadas, tremendo no escuro.

A raiva que tomou conta de Jin foi tão súbita e profunda que ele precisou de toda sua força de vontade para não usar a violência. Ele cerrou o punho tão forte que era doloroso mantê-lo abaixado e não atacar o capitão. Ele nunca tinha desejado tanto matar alguém. Havia treze garotas, todas da sua idade ou mais novas. Todas com os punhos acorrentados e com outra corrente passando pela viga acima delas antes de dar a volta em suas algemas, mantendo-as no mesmo lugar. Para algumas, a corrente era longa o suficiente para sentar ou deitar no chão. Para outras, eram tão curtas que elas ficavam penduradas como animais na vitrine de um açougue, os pés mal roçando o chão.

Elas desviavam seus olhares desolados da luz enquanto o capitão andava entre elas. Uma delas tremia muito encolhida no chão.

— Essa aqui. — Capitão Estevo tinha se aproximado da parede do fundo, e cutucou uma das garotas com o pé. Ela estava curvada contra a parede, braços à frente, pés no chão. Uma cortina escura de cabelo cobria seu rosto. — Ela não comeu nada desde que atracamos em Dunport. — O capitão segurou o rosto dela com a mão livre, virando-o para a luz, e Jin pôde vê-la melhor. Ela era uma jovem xichan. Tinha a sua idade, provavelmente. Seus lábios estavam machucados com cortes recentes, e seu olhar encarava o capitão com tanta fúria que Jin sentiu sua farsa começar a ruir novamente diante do peso da própria raiva. O capitão soltou o rosto da garota. — Descubra o que há de errado com a garota. Ninguém mais no navio fala o idioma dela. É a única xichan que temos, seria um desperdício ela morrer de fome antes de chegarmos a Izman.

Jin precisou de um instante para se recompor o suficiente para se mover sem tremer. Para conseguir falar sem se entregar.

Finalmente ele deu um passo em direção à garota, que encarava os próprios pés. Fazendo questão de ignorá-lo.

— Você está bem? — Jin perguntou cauteloso em xichan.

Ele se arrependeu da pergunta imediatamente, mesmo antes de ela soltar um resmungo cheio de desdém e repulsa.

— Nunca estive melhor. Não deu para perceber? — Ela agitou a corrente na direção dele. Jin segurou-a com a mão, no que ele esperava que o capitão Estevo interpretasse como um gesto para impedi-la de acertá-lo. Na verdade, ele estava analisando os fechos. O das algemas era complicado, mas o da corrente que a prendia na viga era ridiculamente fácil de abrir. Se conseguisse abrir aquele, a garota poderia pelo menos sentar.

Ele não sabia mais o que dizer. Tudo nele lutava contra conversar com aquela garota como se trabalhasse para o capitão. Mesmo que fosse apenas uma encenação.

— Você está doente? — ele perguntou, enquanto inclinava a manga de sua camisa para a frente, fazendo a gazua que mantinha ali escorregar para a mão. Ela encaixou perfeitamente entre seus dedos. — Ferida?

Finalmente a garota levantou a cabeça para encará-lo. Enquanto isso, Jin trabalhava no fecho o mais silenciosamente possível, grato pela distração da conversa e pelas sombras da luz limitada da lâmpada do capitão.

— Por favor — ela disse com sarcasmo. — Seria burrice deles danificar a mercadoria. — Ela passou a língua pelo lábio rachado. — O homem que fez isso comigo não voltou mais. Ele também falava minha língua. — O antigo intérprete. Então essa era a resposta para o enigma do que tinha acontecido com ele. — Ou isso foi uma ameaça? — ela perguntou. — Você está aqui para me machucar se eu não começar a seguir as regras?

— O que ela está dizendo? — capitão Estevo perguntou com rispidez em espasiano, claramente impaciente.

— Ela não está colaborando muito — Jin respondeu no idioma do capitão. Seu punho apertou-se em torno do fecho enquanto voltava a falar em xichan. — Não estou aqui para te machucar. E você deveria começar a comer se quiser sobreviver até escapar daqui.

O olhar dela era impiedoso.

— Não seja idiota. Nunca vou escapar daqui. Mesmo se conseguir sair desse navio, não vou chegar nem perto da liberdade. Vou ser vendida e escravizada para o resto da vida. Então estou fazendo minha escolha. Não vou deixar que me vendam como se eu pertencesse a eles. Pode contar isso para o seu capitão, se quiser. Ele não pode me forçar a comer. E se eu não morrer aqui, vou morrer onde quer que me vendam.

A raiva era demais, mesmo quando o fecho da corrente que a mantinha ancorada ao teto se abriu com um clique. Jin se inclinou para a frente.

— Você não vai morrer aqui — ele disse rápido em xichan. — E isso não é uma ameaça, é uma promessa. Ele não é meu capitão. Tem pessoas vindo atrás desse navio, atrás de vocês, todas vocês. Vamos salvá-las. Então você pode começar a comer porque vou precisar que você corra em breve.

A garota não reagiu de imediato, só o encarou, como se estivesse procurando um truque, algo que pudesse extinguir a faísca de esperança que nascia dentro dela contra sua vontade.

— E por que eu deveria acreditar em você? — ela perguntou, amargamente.

Antes que Jin pudesse responder, a voz do capitão Estevo ecoou atrás dele. Mais uma vez, não falava em espasiano.

— Você quebrou a promessa que me fez, intérprete — ele falou em xichan perfeito, e Jin sentiu seu estômago revirar. — Já levou tudo a perder por causa de uma garota.

Jin viu os olhos da garota xichan encararem um ponto acima do ombro dele, com pânico em seu rosto.

— Deixa eu adivinhar — ele disse, suspirando. — Tem uma arma apontada para as minhas costas?

— Bom chute — ela disse, a voz falhando.

— Que falta de originalidade — ele sussurrou em voz baixa em xichan enquanto levantava as mãos e endireitava o corpo. Ele sabia como as coisas funcionavam. Não era nem de longe a primeira vez que alguém apontava uma arma para ele. E dava para imaginar que não seria a última.

Embora Jin suspeitasse que fosse a primeira vez que alguém apontasse uma arma para ele com desdém.

— Você não é tão inteligente quanto pensa, sabia? — O capitão tinha voltado a falar seu próprio idioma.

— Já me disseram isso — Jin retrucou, entrelaçando as mãos acima da cabeça. — Embora eu não me ache tão esperto assim. Só sortudo, normalmente.

— Quem mandou você? — o capitão perguntou. — Perry? Balo? — Outros comerciantes de escravos, Jin imaginou, competindo entre si como os que negociavam açúcar e seda.

— Capitão Whit. — Jin decidiu que não havia muito a perder ao dizer a verdade.

Para sua surpresa, capitão Estevo riu.

— Sempre achei que ele fosse moralista demais para entrar nesse negócio.

— Ele é.

Capitão Estevo fechou a cara.

— Mas não moralista demais para mandar um espião. Afaste-se da garota — ele ordenou, gesticulando para Jin com a arma. O garoto se afastou da prisioneira, obrigando o capitão a virar para segui-lo com o cano da pistola.

Ao mesmo tempo, o navio deu uma leve sacudida, não o suficiente para desequilibrar Estevo, nem o suficiente para dar alguma vantagem para Jin, mas o bastante para a jovem garota xichan perceber que ele a tinha soltado da parede. Jin viu sua expressão de surpresa quando cambaleou para a frente e não foi contida imediatamente pelas correntes de metal. Quando as correntes deslizaram das algemas em seus punhos.

E Jin viu o momento em que a decisão passou pelo rosto dela. Rápido demais para ele tentar impedi-la. Ela simplesmente agiu. A garota avançou como uma serpente dando o bote, passando as mãos por cima da cabeça de Estevo, de modo que a corrente das algemas se enrolasse no pescoço dele. Ela puxou as mãos para trás com força, apertando a corrente contra seu pescoço, fazendo com que perdesse o ar.

A lâmpada se espatifou no chão; as tábuas começaram a pegar fogo, fazendo as garotas gritarem. A garota puxou Estevo para trás, e o movimento violento fez a arma na mão dele disparar, provocando mais gritos. Jin agiu rápido, apagando o fogo com o pé antes que engolisse o compartimento inteiro.

Quando o fogo se extinguiu, veio o breu, e Jin só podia escutar. Escutar o som da luta na escuridão, e das garotas ainda acorrentadas, chorando de medo. De repente havia apenas o choro.

— Você está bem? — ele perguntou pela segunda vez, estendendo a mão no escuro na direção onde achava que o capitão e a garota estavam.

Houve um longo silêncio, e então veio a voz dela, rouca.

— Ainda é uma pergunta idiota.

Uma mão encontrou a sua. Ele sentiu a algema de ferro no punho dela. Ainda presa, como todas as outras garotas naquele lugar.

— Precisamos de chaves. Precisamos tirar todas vocês daqui. — Ele passou a mão no cabelo. Podia ver um feixe de luz saindo de baixo da porta. Suficiente para guiá-los para fora.

— E ir aonde? — a garota perguntou, enquanto Jin começava a conduzi-la em direção à porta.

O som de sinos no convés surgiu como se a garota tivesse conjurado a resposta com suas palavras. Sinos que significavam a aproximação de um navio inimigo. Ou um navio de salvamento, dependendo de que lado você estivesse.

Jin abriu a porta. O suficiente para enxergar dentro do compartimento. O suficiente para ver o corpo do capitão Estevo. Jin ajoelhou rapidamente ao lado dele. A pistola ainda estava em sua mão. E havia uma faca no cinto dele.

— Você tem alguma preferência? — Jin reapareceu na luz da porta, oferecendo a pistola e a faca para a garota.

Ela arqueou uma sobrancelha escura para ele, cética.

— Quem você acha que sou para ser capaz de atirar?

Jin deu de ombros.

— Não faço ideia de quem você é.

A garota estendeu as mãos atadas para ele.

— Fen — ela disse.

— Jin — ele respondeu, embainhando a faca para que pudesse apertar a mão dela. — Vamos.

Ele seguiu por dentro do navio, para longe do compartimento de carga, confiando que Fen o seguiria. Ele não tinha tempo de dizer nada às garotas que clamavam atrás dele, de prometer que voltariam.

Enquanto emergiam do compartimento de carga, perceberam que, com a aproximação do outro navio, a embarcação estava um caos sem um líder. Ao se aproximarem do convés, alguém passou correndo por eles em direção às armas, e Jin segurou Fen, puxando-a para as sombras.

Percorreram a embarcação o mais rápido que podiam.

Embora Jin não conhecesse aquele navio muito bem, dava para imaginar onde ficava a cabine do capitão. Não foi difícil encontrá-la, e a porta não estava trancada.

Os dois entraram rápido.

— As chaves. — Fen apontou para um gancho acima da porta, alto demais para ela. Jin as alcançou. Ele jogou as chaves para Fen, que as pegou com tanta habilidade quanto se esperaria de alguém com mãos atadas. — Você lembra como voltar?

— Você não vem comigo? — Fen perguntou.

— Preciso subir para o convés e ajudar, ou nunca sairemos daqui. — Fen parecia ansiosa. Jin ofereceu a faca a ela novamente. — Tem certeza de que não quer levar isso?

Fen arrancou a faca da mão dele com um olhar acusatório.

— Não sou esse tipo de garota.

Quando Jin chegou ao convés, o *Gaivota Negra* já tinha abordado o *Rainha de Marfim*. Cordas prendiam os dois navios juntos enquanto homens passavam por elas, armas em punho, e os marujos do navio atacado se juntavam para enfrentá-los. O ar já cheirava a pólvora, e as tábuas estavam manchadas de sangue.

Jin piscou diante da luz da manhã, a arma já erguida. A primeira coisa que viu quando seus olhos se ajustaram à claridade foi seu irmão de pé na balaustrada, arma em punho, cuidando da retaguarda do Jovem Johannes enquanto ele lutava.

De pé, diretamente na linha de fogo.

Jin apontou sua arma, atirando em um marujo que estava próximo demais de Ahmed, acertando o braço do homem. Enquanto Jin caminhava em direção ao irmão, Ahmed virou e o viu. Jin percebeu que ele segurava a bússola na mão.

Uma expressão de alívio tomou o rosto de Ahmed quando ele notou a presença de Jin. Ele pulou para o convés enquanto o irmão o alcançava.

— É bom te ver vivo — Ahmed comentou.

— Você esperava algo diferente? — Jin provocou. Por um momento, parecia que Ahmed estava prestes a responder. Mas então seus olhos se fixaram em alguma coisa atrás de Jin. Ele ergueu a arma e atirou. Jin ouviu um grito.

Algo pairava entre eles. A consciência de que, um dia, havia uma boa chance de que um deles não voltasse vivo. Mas, por enquanto, seu irmão estava ali para ajudá-lo.

A luta não durou muito.

No fim das contas, era fácil tomar uma embarcação sem liderança. Ainda mais quando o navio em questão sempre contou com Oisin controlando o mar em sua primeira linha de defesa. Oisin, que estava incapacitado por ter tomado uma dose de ferro.

Havia alguns corpos no convés quando o capitão Whit falou, sua voz sobressaindo à luta:

— Tripulação do *Rainha de Marfim*, vocês estão cercados. Se estiverem dispostos a dar suas vidas pelo seu navio, façam isso. Mas se abaixarem as armas, deixaremos que vivam.

Não levou muito tempo para eles abaixarem as armas.

A filha de Jack Bawden tinha apenas treze anos, cabelo loiro cacheado como uma boneca e enormes olhos cinza. Isso a fazia parecer inofensiva, mas eles sabiam que ela não era. Quando Fen a soltou do compartimento de carga, a garota pegou a faca de Fen, pronta para machucar alguns

membros da tripulação do *Rainha de Marfim*, até perceber que já tinha sido salva.

Então ela desabou em lágrimas.

O *Rainha de Marfim* foi deixado à deriva, à mercê do mar. O *Gaivota Negra* recebeu todos que queriam voltar à costa, os novos garotos de Albis, Oisin e, é claro, as prisioneiras.

Capitão Whit explicou a situação na viagem de volta, com todas as garotas a bordo do *Gaivota Negra*. Estevo tivera um desentendimento de negócios com Jack Bawden. Então se vingara roubando a única coisa que realmente importava para Jack, acrescentando-a ao carregamento que já estava levando.

Seu nome era Anne.

— Eu não contei antes para vocês, rapazes, porque não importava a carga transportada — o capitão Whit disse para Jin, se reclinando em sua cabine enquanto retornavam a Albis para devolver Anne ao seu pai. — Trabalho é trabalho. — Ele estava terminando de fumar um charuto. Sempre fumava um no final de uma missão bem-sucedida. — Além disso, eu estava preocupado que, se vocês soubessem, acabariam fazendo alguma besteira.

Ele não precisava explicar aquela parte. Jin e Ahmed não falavam muito sobre seu passado. Sobre quem eles eram de verdade. Mas o capitão sabia. Você não velejava com alguém por anos sem perceber algumas coisas. Jin sabia que Mael tinha uma filha em Torrelade sobre quem ele não falava, exceto quando estava bêbado e sentimental. E Yevhen tinha se juntado ao *Gaivota Negra* depois de ter seu coração partido por um homem em Salan cujo nome nunca mencionava. E Laurent tinha sujado as mãos com o sangue do próprio pai, portanto jamais poderia voltar para casa. E o capitão Whit sabia que a mãe de Jin tinha sido igual a uma daquelas garotas, acorrentada como um carregamento qualquer.

— Aparentemente — o capitão disse, apagando o charuto — você não precisa de informação nenhuma para fazer besteira.

Jin sabia que isso era o mais próximo que o capitão chegaria de um elogio pelo bom trabalho.

— O que acontece com todo mundo agora?

— Podemos descarregar os garotos idiotas em Dunport. Podemos dar dinheiro suficiente para as garotas comprarem passagens de volta para casa. Algumas estão na nossa rota de volta para Xicha, podem vir conosco. E assim... — ele acrescentou, pensativo — concluímos o trabalho para o qual fomos contratados.

— Tenho a sensação de que não vamos pagar por proteção da próxima vez que passarmos por Braechester. — Jin comentou, enquanto ele e Ahmed observavam Jack Bawden, um braço envolvendo a filha enquanto trocava palavras com o capitão Whit e o pagava. Os irmãos conversavam em mirajin enquanto se apoiavam na balaustrada do navio. Ahmed estava estranhamente calado. Jin lançou um olhar para ele. Mas ele sabia que não devia perguntar. Deixou o silêncio reinar até seu irmão decidir falar.

— Devíamos fazer mais — Ahmed disse finalmente, esfregando a mão no rosto.— Alguém devia impedir isso tudo.

— Treze garotas salvas não é nada mau, Ahmed — Jin comentou.

— Mas tem mais uma centena delas que não tem pais ricos para nos contratar. — Ahmed suspirou. — Você sabe para onde estavam levando elas, não sabe? — Agora era a vez dele de encarar Jin. E a vez de Jin de evitar o olhar do irmão.

— Eu sei — Jin admitiu, relutante. Elas estavam sendo levadas para o deserto. Para Miraji, onde seriam vendidas.

— Podíamos mudar isso — Ahmed disse, pensativo. — Talvez a gente não possa mudar o mundo, mas sempre podemos mudar um país.

— Não, não podemos. — As mãos de Jin apertaram a balaustrada. — Nós deixamos aquele país por um motivo, Ahmed.

— Isso não significa…

— Sim, significa — Jin respondeu. — Significa muitas coisas. — Significava que não deveriam voltar. Que deveriam tentar esquecer que eram príncipes por sangue. Aquele país não era mais problema deles.

Ahmed se calou, deixando o assunto para lá. Mas Jin notou que aquilo ainda ocupava a cabeça dele.

Enquanto assistiam Anne abraçar o pai, Jin sentiu uma presença se aproximando. Fen parou ao seu lado. Havia três garotas que poderiam deixar em casa ao longo do caminho. Duas da península ioniana, e Fen, de Xicha.

— O que acontece agora? — ela indagou, curiosa, observando sua companheira de cela devolvida à liberdade.

— Levamos você para casa — Ahmed respondeu em xichan, oferecendo à garota um sorriso gentil.

— E vocês? — ela perguntou, observando os dois, mas havia um peso em sua pergunta que parecia particularmente endereçado a Jin. — Vão voltar para casa… comigo?

Não, eles não iriam. Eles iriam parar lá. Visitariam a mãe. Visitariam Delila. E entregariam o dinheiro para comprarem comida até eles voltarem.

— Minha casa é aqui — Jin disse, dando as costas para o porto, olhando para além do convés do navio.

Fen inclinou a cabeça para observá-lo. Ela refletiu por um momento, antes de abrir um sorriso triste.

— Você não é tão bom em mentir quanto pensa.



A garota do mar

Ela nasceu no convés de um navio, sonhando com a terra firme.

Sua família pertencia ao mar. Eles iam aonde quer que o vento os levasse. Diziam que se alguém os cortasse, sangrariam água salgada. Mas a filha mais nova era diferente. Quando criança, espalhava seda verde pelo chão e fingia que era grama. Subia o mais alto possível no navio para procurar terra firme, o próximo porto, e depois que partiam contava os dias que faltavam para voltar a sentir o chão sólido sob os pés. A garota se imaginava dormindo em uma cama que não balançasse ao capricho do mar, acordando toda manhã com o mesmo horizonte. E jurava infinitas vezes que um dia, quando aportassem, correria até não conseguir mais ver água nenhuma. Ela encontraria um marido com quem cultivaria campos a perder de vista e criaria filhos que correriam livres, sem ser interrompidos pela balaustrada de um navio.

Em um dia de pouco vento, ela estava no alto das velas quando avistou o navio que a levaria de vez para terra firme. Ele era três vezes maior que o navio de sua família, e tinha muito mais armas. Mesmo assim, ela não se deu conta de que deveria ter medo até o grande navio estar logo ao lado, fazendo sombra, enquanto cordas se esticavam como tentáculos em direção à pequena embarcação. Mas aí era tarde demais.

As tábuas do navio da garota ficaram encharcadas de vermelho. Enquanto era arrastada para longe aos berros, viu que, no fim das contas, sua família não sangrava água salgada.

Ela gritou até não poder mais, até a voz sumir e a visão escurecer. Quando acordou, estava sem equilíbrio. E percebeu que era porque o chão não se movia — ela estava em terra firme. Onde por tanto tempo desejou estar. Mas agora ela queria qualquer coisa menos isso.

A garota não precisava falar a língua deles para saber o que aconteceria em seguida. Ela já tinha visto homens examinando os tecidos de seu pai da mesma forma que aqueles homens a examinavam. Ela viu dinheiro passando de uma mão para outra, e foi passada adiante também.

Em todos os seus sonhos com a terra firme, a garota sempre conseguia ver o horizonte. Mas o lugar para onde foi levada só tinha paredes. A garota assistia o sol cruzando o céu lá fora, sem nunca

conseguir enxergar onde nascia ou se punha.

Nesse reino de paredes e sem horizontes, ela estava cercada por garotas vestidas tão exuberantes como pássaros, e conversavam o dia todo em idiomas que ela não conhecia. Nenhuma parecia se dar conta de que estavam presas. Ela nunca conversava com ninguém, mas as observava. Ela assistia quando alguma jovem era levada para longe e depois trazida de volta, sabendo o que tinha sido feito com ela. E a garota decidiu que não seria levada. Ela partiria por conta própria.

Ela encontrou um lugar no reino onde a parede não era lisa, mas tinha buracos onde poderia enfiar os dedos e lugares ásperos para firmar os pés. Ela começou a escalar, como tinha escalado mastros e cordames, em busca do horizonte. De uma fuga. Quando estava na metade do caminho até o topo, ouviu um barulho. Ao olhar para baixo, percebeu que não estava sozinha. Soldados tinham entrado no jardim e estavam cada vez mais perto da parede que ela escalava. Os homens já teriam chegado até a garota, mas ela notou que uma jovem que parecia ter vindo do deserto estava caída no chão. Ela estava esparramada na frente do portão, como se bloqueasse o caminho deles deliberadamente. Dando tempo para a garota do mar escapar.

A garota do mar se sentiu grata à garota do deserto, e se esforçou para subir mais rápido. Ela tentou chegar ao topo antes que pudessem passar por cima de sua cúmplice. Mas na sua pressa, a mão escorregou, e ela caiu.

E eles a capturaram.

E a levaram embora, como tinham feito com as outras garotas.

Finalmente, a garota do mar encontrou o governante do reino de paredes. E o governante do deserto que ficava além dessas paredes. Um homem que mais parecia um garoto. Exceto pelos seus olhos, que carregavam o peso de séculos. Aqueles olhos não desgrudaram dela nem por um segundo. Ela continuou sentindo aquele olhar em suas costas mesmo depois de ele terminar e mandá-la de volta. A garota passou dias olhando por cima do ombro.

Depois de ser devolvida ao reino das paredes, não demorou muito para a garota do mar ser encontrada pela garota do deserto. Ela sentou do lado da garota do mar. Ela não disse nada. As duas apenas ficaram olhando fixamente para o oeste juntas.

Enfim, a garota do deserto ofereceu seu nome. Nadira.

E a garota do mar ofereceu o seu. Lien.

Depois disso, elas nunca mais se separaram. Trocaram palavras em suas próprias línguas até conseguirem se entender em ambas. Não demorou muito para as duas perceberem que estavam grávidas.

A garota do mar teve raiva quando se deu conta disso. Ela odiava a criança que havia sido imposta a ela. Odiava porque ela pertencia ao homem que a aprisionara. O governante de seu reino de paredes.

A garota do mar e a do deserto deram à luz sob o mesmo céu.

E quando isso aconteceu, Lien jurou para todas as estrelas que odiaria essa criança, que a rejeitaria. Que se livraria dela e nunca mais a veria de novo.

Mas assim que ouviu o choro de seu filho, quebrou essa promessa. Ela queria dizer ao bebê que esse mundo também a fazia chorar. Ela estendeu as mãos para a criança, e quando a segurou no colo,

sabia que não conseguiria odiá-la. Aquele bebê não se parecia em nada com o homem que a engravidara. Ele se parecia com sua família — a que fora tirada dela. Aquela criança era uma nova família.

As duas garotas estavam deitadas lado a lado, maravilhadas com seus filhos, quando o governante chegou. Ele não falou com elas, tinha vindo apenas para ver os filhos. As garotas seguraram mais forte os bebês, e Lien jurou que mataria aquele homem se ele tentasse tirar o menino de seus braços. Mas ele simplesmente foi embora. Depois que partiu, um serviçal voltou e informou a elas os nomes que o governante tinha escolhido para seus filhos.

A garota do mar decidiu que não chamaria seu filho pelo nome que tinha sido dado a ele por outra pessoa. O menino não pertencia ao governante, ela não permitiria isso. Ele pertencia a ela. Então ela fragmentou o nome, desobedecendo completamente o governante, e encontrou o nome de seu pai no meio. Ela o chamaria de Jin, e nada mais.

Os dois príncipes foram criados juntos, ouvindo histórias de suas mães sobre o mundo além das muralhas. Uma vez, Lien fez um barco de sabão para seu filho pequeno. Ela o esculpiu com as próprias unhas, e o colocou para flutuar nas águas dos banhos, enquanto contava sobre suas origens.

Em algum momento, o barco de sabão se dissolveu na água.

Por um tempo, a garota do mar conseguiu se convencer de que aquilo era o que ela queria. Terra firme, com espaço para sua criança correr. Mas ela sabia que conforme crescessem, eles não esbarrariam na balaustrada de um navio, como ela, mas sim nas paredes que os cercavam.

Até o dia em que Nadira contou a Lien seu segredo. Ela estava grávida novamente. E esse não pertencia ao governante, mas a uma divindade. E ela seria morta se isso fosse descoberto.

Lien se sentiu partida ao meio.

Uma parte dela odiava a irmã por se expor a tamanho risco. De ser tão egoísta a ponto de arriscar perder tudo. O outro lado era grato por Nadira arrancar Lien da apatia em que vivia. Da submissão de morar em um reino feito por outra pessoa. Nadira deu a ela um motivo para escalar as paredes outra vez.

E então elas começaram a planejar. Preparar. Buscar uma forma de fugir das paredes.

Finalmente, quando a barriga de Nadira estava ficando grande, elas estavam prontas para escapar. Elas levantaram em uma alvorada, sabendo que seria a última que assistiriam atrás daquelas paredes. Elas partiriam quando escurecesse. Cruzariam aquelas paredes ou morreriam tentando.

Só que conforme a manhã avançava, a segunda criança de Nadira decidiu vir ao mundo. Nadira tentou esconder, rezou para sua criança adiar sua chegada apenas algumas horas. Mas logo os serviçais notaram, e o governante foi informado. Nadira se viu deitada entre eles, com Lien segurando sua mão, dando à luz a criança que queriam fugir para salvar.

Como esperado, assim que a criança nasceu, ficou claro que ela não era filha de um mortal. Antes que qualquer um pudesse dizer algo, o governante estava lá, encarando o bebê que revelava a traição de Nadira.

O governante apenas ordenou que ela fosse levada a julgamento diante dele. Nadira foi arrastada para longe do aposento e de seu bebê que gritava. Manteve a cabeça erguida enquanto arrancavam sua mão da de Lien e a conduziam para a morte.

E pela primeira vez desde o dia em que se apresentaram uma à outra, Lien se viu sozinha. E mais uma vez ela se sentiu partida ao meio. Só que agora era seu luto em conflito com sua determinação. Ela não deixaria aquela criança morrer. Não permitiria que a morte de Nadira fosse em vão.

Ela pegou a criança da parteira, prometendo acalmá-la. E como a mulher não podia negar o desejo de uma esposa do sultão, entregou a criança. Embalando a pequenina, Lien caminhou até sair da vista de todos. E então correu.

Ela acordou os outros dois meninos, que estenderam os braços para que ela os pegasse no colo. Mas ela disse que não poderia carregá-los. Eles teriam que caminhar. Precisavam ajudá-la. E foi o que fizeram. Eles seguiram Lien até o portão protegido pelo soldado que tinham chantageado. Seguiram até o serviçal com quem tinham feito amizade, que logo os ajudou a vestir roupas escuras com capuzes para cobrir o rosto. Seguiram até subirem na carroça de um mercador que tinham subornado. E, enfim, até o convés de um navio, que os levaria para bem longe.

E pela primeira vez desde o fatídico dia em que sua família foi morta, Lien estava de pé no convés de um navio, e observou o sol nascer sem paredes para esconder o horizonte. Ela o observou se erguer sobre o mar, e tentou lembrar por que um dia desejou tanto viver em terra firme.

A lenda do herói Attallah e da princesa Hawa



Era uma vez, quando o deserto ainda era jovem…

E a humanidade estava enfrentando a grande guerra contra a Destruidora de Mundos, um ferreiro teve um filho. O menino não tinha nada além do nome que seu pai lhe deu.

Esse nome era Attallah.

Do outro lado do deserto, sob as mesmas estrelas, nasceu a filha de um sultão. Ela tinha tudo que poderia querer. Era tão rica que até seus olhos roubavam a cor das safiras na sala do tesouro de seu pai.

Seu nome era Hawa.

As duas crianças, nascidas em lugares tão distantes, tinham fortunas muito diferentes, mas o mesmo destino. E no momento em que seus caminhos se cruzassem muitos anos depois, elas mudariam o mundo.

Quando cresceu, Attallah se tornou alto, forte e talentoso com a espada. Ele treinava diariamente com as armas do pai, e se não estava treinando, ajudava seu velho a perambular pelas montanhas centrais, coletando ferro para fabricar lâminas que defenderiam seu povo.

A princesa Hawa se tornou uma jovem adorável e gentil. E mesmo antes de aprender a falar, todos já sabiam que ela possuía uma voz tão linda que, quando cantava, deixava todos ao redor dela tão encantados que não conseguiam fazer nada além de escutar. Alguns diziam que o próprio sol parecia parar para ouvir Hawa cantar.

Enquanto Attallah e Hawa cresciam, tão distantes um do outro, a guerra contra os monstros da Destruidora de Mundos também crescia. E não demorou para os monstros que caçavam a humanidade alcançarem as montanhas centrais, onde Attallah vivia com sua família. O garoto estava longe de casa no dia em que chegaram, coletando ferro, já que seu pai estava velho e cansado demais para viajar tão longe. Então quando seu povo foi atacado pelos pesadelos às sombras da montanha,

Attallah não estava por perto.

Alguns dizem que Attallah poderia ter salvado todos se estivesse presente.

Outros afirmam que ele também teria morrido, junto com o resto de seu povo.

Mas uma coisa era certa: se Attallah não tivesse voltado para casa no dia seguinte e encontrado seu povo massacrado, não teria sacado sua espada e partido em direção a Izman para avisá-los sobre o exército de carniçais que se aproximava.

Naquele tempo tão distante, Izman não era a cidade que você conhece agora. Ela não tinha muitas casas e grandes muros, nem portões firmes e soldados para protegê-la contra carniçais invasores. Naquela época, Izman era uma cidade de tendas, um conjunto de muitas tribos que haviam se reunido. O pai da princesa Hawa era o primeiro sultão, o homem escolhido para proteger esse povo. Sua sabedoria e a força de seus homens eram tudo o que Izman e seus moradores tinham para se defender.

Os pesadelos saíram como um enxame da escuridão e avançaram em direção às tendas. Os homens ergueram tochas e armas contra eles, enquanto as mulheres se juntaram para rezar pedindo ajuda. Os homens lutaram com todas as forças que tinham, mas a noite parecia não ter fim — como se o sol nunca mais fosse nascer para salvá-los. E os homens estavam perdendo a batalha.

Entre eles estava Attallah, que havia se juntado à luta após transmitir o aviso, e embora lutasse com bravura e habilidade ao lado do sultão, era apenas um homem.

Quando todos foram obrigados a bater em retirada, e os pesadelos continuavam a avançar, as mulheres se reuniram em volta da tenda do sultão, onde a princesa Hawa estava. Ela fez o melhor que pôde para confortá-las, e elas imploraram para que a garota cantasse, pois isso abrandaria o medo que sentiam. Então, no momento mais escuro da noite, Hawa começou a cantar. Foi quando algo surpreendente aconteceu.

O sol nasceu sobre a tenda da princesa Hawa no meio da noite, só para ouvi-la cantar.

Como vocês sabem, pesadelos não sobrevivem à luz. E embora fossem capazes de apagar as tochas dos homens, não podiam vencer o sol. Alguns queimaram imediatamente, enquanto o resto se enterrou de volta na areia, fugindo amedrontados para a escuridão à espera de uma nova noite.

Os homens recuaram, aproveitando o descanso da batalha graças à chegada antecipada da manhã. A maioria deles foi cuidar das feridas ou afiar as armas antes da próxima batalha que viria ao anoitecer. Mas não Attallah. De tão encantado que ficou pela voz que ouvira, o jovem passou o dia percorrendo as tendas da cidade em busca de sua dona, certo de que seu coração pararia de bater caso não a encontrasse.

Em suas caminhadas, Attallah se deparou com o óleo que as mulheres usavam para cozinhar. E assim teve uma ideia. Incapaz de encontrar a dona daquela voz, ele foi atrás do sultão, que reconheceu Attallah como um dos homens que haviam lutado com muita coragem ao seu lado, e o recebeu com alegria em sua tenda. O jovem guerreiro explicou o plano que havia concebido: eles espalhariam óleo na areia onde os pesadelos tinham se enterrado, e esperariam seu retorno ao cair da noite. Depois, incendiariam o óleo — assim, os pesadelos queimariam antes que pudessem cercá-los outra vez.

O plano impressionou o sultão, que logo começou a dar ordens aos servos para que o colocassem em ação na mesma hora, oferecendo a Attallah seus próprios aposentos para descansar, em

agradecimento aos seus esforços. Foi o que ele fez, e nem passou por sua cabeça que a garota cuja voz despertara tanto amor em seu coração descansava na tenda ao lado.

Mas o sol não havia afugentado todos os monstros. E não foi apenas Attallah que se sentiu atraído pelo canto da princesa Hawa. Um andarilho havia adentrado Izman, rastejando pelas sombras das numerosas tendas para se manter a salvo do sol, também em busca da garota cuja voz dissipou a escuridão.

Quando finalmente encontrou a tenda de Hawa, o monstro aguardou escondido nas sombras do lado de fora até uma serviçal aparecer com uma bandeja de tâmaras para a princesa. O andarilho saltou rápido sobre a serviçal, devorando seu corpo e vestindo suas roupas. Depois, em sua pele roubada, ele rastejou para dentro da tenda, onde encontrou a jovem dormindo tranquila, exausta daquela noite. Enquanto dormia, o monstro se abaixou, ergueu suas pálpebras e arrancou seus olhos de safira.

A princesa acordou de repente e, ao perceber que estava cega, começou a gritar desesperada. Na tenda vizinha, Attallah ouviu os gritos de Hawa e foi correndo ajudá-la.

Lá ele encontrou o andarilho prestes a comer os olhos da princesa. Attallah gritou para impedi-lo, dizendo ao monstro que pouparia sua vida se ele aceitasse seus próprios olhos em troca dos de Hawa. O andarilho concordou, pensando que quando Attallah estivesse cego poderia devorar os dois. O andarilho observou enquanto o jovem fingia arrancar os próprios olhos da cabeça.

Mal sabia ele que Attallah segurava sementes de tâmara, e num truque rápido com as mãos, convenceu o andarilho de que oferecia seus próprios olhos escuros.

O andarilho soltou os olhos de Hawa na palma estendida de Attallah, mas quando o atacou para devorá-lo, o herói abriu os olhos e o matou com um golpe de sua espada.

Attallah devolveu os olhos a Hawa assim que a criatura caiu morta. Quando a princesa recolocou os olhos no rosto, viu seu salvador pela primeira vez. No momento em que seus olhares se cruzaram, ela sentiu o coração parar. E então voltar a bater, mais rápido e urgente do que nunca. Seu coração reconheceu no jovem a mesma coisa que ele havia reconhecido quando ouvira seu canto: que os dois, seus caminhos e suas vidas estavam destinados a se unir.

Que ela o amava.

Mas isso foi há muito tempo, nos primórdios da humanidade, na época do idioma primordial. Não existia uma palavra para o amor. Não em um mundo onde as pessoas casavam e engravidavam apenas para garantir a sobrevivência da humanidade. Então Hawa não entendeu o que seu coração sentia, só que doía. E teve medo de que a mera visão daquele homem fosse capaz de matá-la.

Ela convocou os soldados de seu pai e pediu que expulsassem Attallah da cidade. O sultão quis saber o motivo, uma vez que aquele jovem valente havia salvado a princesa — e talvez até a cidade inteira — de um monstro. Hawa descobriu que não sabia explicar. Mas precisava que ele partisse.

O amor de Attallah era tão grande que ele só conseguia fazer o que ela mandasse. Ele percebeu, pesaroso, que faria qualquer coisa que ela quisesse. Ele se mataria se essa fosse a vontade de Hawa.

Mas, antes de partir, Attallah pediu para o sultão ordenar ao povo que deixassem suas tendas afastadas umas das outras, para que suas sombras nunca se tocassem e não houvesse como um carniçal voltar a invadir Izman. Para que a princesa pudesse ficar segura sem ele.

O sultão acatou seu conselho, pedindo que todos movessem suas tendas para longe umas das outras. Enquanto sua própria tenda era movida pouco antes de anoitecer, Hawa viu Attallah partir em direção ao pôr do sol. E sentiu a vontade súbita de correr atrás dele. Mas antes que pudesse, o sultão ordenou aos seus soldados que ateassem fogo ao óleo sobre a areia, e uma enorme barreira de chamas se ergueu entre os dois, queimando os pesadelos que rastejavam para fora da areia, e separando Hawa de Attallah.

E quando a alvorada chegou e as chamas finalmente morreram, o herói Attallah já havia desaparecido.

Dias se passaram. Depois semanas. Então meses. Por fim, um ano. E Hawa percebeu, desesperada, que a ausência de Attallah só fez seu coração doer ainda mais. Ela sentia como se morresse a cada anoitecer e, ainda assim, voltasse a acordar pela manhã. O sultão temia por sua filha que já não sorria nem cantava. Ele enviou homens pelo país em busca de uma cura para a tristeza que a afligia.

Eles não voltaram com uma cura. Mas muitos tinham notícias de Attallah e suas numerosas proezas.

Ele havia matado, sozinho, uma centena de pesadelos que tentavam atravessar a ponte em Jalaz.

Tinha domesticado um roc para lutar contra o monstro de asas escamosas que a Destruidora do Mundo usava como montaria.

E estabelecera a paz entre duas tribos que disputavam o mesmo pedaço de terra onde pretendiam construir seu forte contra os carniçais.

E então chegaram notícias de outra cidade, onde mortais também haviam se reunido para combater os monstros, na tentativa de salvar um número maior de pessoas. Eles tinham tentado construir muros para se defender dos ataques dos carniçais, mas suas defesas eram derrubadas toda noite pelos monstros. Nem o grande herói Attallah foi capaz de ajudá-los. Para piorar, ao saber que ele estava presente, os carniçais começaram a cercar o lugar, ansiosos para destruir o homem que causava tanto estrago.

Ele havia amaldiçoado a si mesmo com suas conquistas. E, de acordo com as notícias, não duraria nem mais uma noite naquela cidade. Os monstros preparavam um novo ataque.

Ao saber disso, Hawa sentiu seu coração partir em mais de mil pedacinhos. E finalmente entendeu que não era a presença de Attallah que a mataria, mas sim sua ausência. Se ele morresse, a vida dela também acabaria.

A princesa Hawa não sabia o que fazer. Ela correu para longe de sua tenda e entrou no deserto, certa de que precisava chegar a Attallah antes da morte. De que poderia alcançá-lo mais rápido do que o pôr do sol.

Mas suas pernas logo falharam, enfraquecidas durante aquele ano terrível longe dele. Ela caiu de joelhos, incapaz de andar. Então se arrastou. Mas logo já não tinha forças nem para isso. Hawa começou a chorar, certa de que morreria sem conseguir salvar seu amado.

Enquanto chorava amargamente sobre a areia, sua tristeza era tão grande que foi ouvida por todos à sua volta. E uma criatura imortal foi tocada pelo pesar da princesa.

Um buraqi, um cavalo feito de areia e vento, surgiu diante dela, dourado como o sol do meio-dia.

Ele pegou a princesa e a ergueu sobre seu dorso. Rápido como o vento, ele a carregou pelo deserto, mais veloz do que qualquer mortal. Ele correu sem jamais tocar o chão, saltou sobre as montanhas centrais como se não fossem nada, carregando Hawa acima das nuvens. Ele a levou até a cidade onde Attallah enfrentava os carniçais.

Eles chegaram ao anoitecer e encontraram uma cidade tomada pelo caos. Nenhuma das artimanhas de Attallah fora capaz de manter os monstros à distância. Eles escalavam o muro com suas garras, e o jovem protegia o povo sozinho, usando apenas sua espada. A mesma que havia usado no dia em que perdera seu lar, agora desgastada depois de tantas batalhas. Hawa viu quando a lâmina se estilhaçou nos dentes de um carniçal.

O medo de perder seu herói devolveu a vida à princesa Hawa, e pela primeira vez desde a noite em que havia repelido os pesadelos, ela cantou. E como esperado, o sol nasceu sobre sua cabeça.

Hawa apressou o buraqi e os dois galoparam juntos rumo aos muros da cidade. O sol seguiu a princesa enquanto ela cavalgava, abrindo caminho até Attallah, afastando todos os carniçais. Assim que o alcançou, ele abandonou a espada quebrada e pegou uma nova arma para proteger a princesa.

Hawa e Attallah ficaram diante dos muros destruídos — ela manteve o sol brilhando durante a noite inteira, e ele permaneceu ao seu lado. Ao redor deles, as pessoas da cidade consertaram os estragos que os monstros tinham feito o mais rápido que puderam. E quando a manhã de fato chegou, a princesa libertou o sol e desabou nos braços de Attallah.

Enquanto o povo reconstruía o muro, Attallah carregou Hawa para sua tenda. E ainda que estivesse quase sem voz por ter cantado com tanto afinco, a jovem sussurrou para ele que tinha errado ao bani-lo e se arrependia. E que agora temia que ele a afastasse por mágoa. Ela disse que tinha vindo porque ele nascera sem nada e ela tinha tudo — mas entregaria a ele tudo o que tinha e tudo o que era, se Attallah não a mandasse embora.

Attallah não a mandou embora. Em vez disso, o jovem contou que todos os seus feitos — da luta contra os pesadelos na ponte em Jalaz a domar o roc para lutar no céu — foram por ela. Tudo o que ele fez foi apenas para tornar o deserto mais seguro para Hawa, porque ele também sentia que sua vida acabaria se ela morresse. E tudo isso foi feito com a esperança de que, se um dia a princesa quisesse procurá-lo, saberia aonde ir ao ouvir as notícias de suas proezas. Attallah queria dividir sua vida com ela, e se ela também quisesse, assim seria até o dia de suas mortes.

Hawa chorou aliviada e os dois se abraçaram. Quando Attallah pediu para a princesa ficar com ele, ela respondeu, com o último fiapo de voz, que ficaria.

E ficou.

Eles ficaram juntos até a noite cair. E quando os carniçais voltaram, Hawa cantou outra vez. Cantou tanto que os muros puderam ser erguidos mesmo na escuridão, sem a praga dos monstros os destruindo. E quando a manhã chegou, ela desmaiou de exaustão.

E assim se seguiu: a princesa cantou por cem noites enquanto os muros da grande cidade eram construídos — muros como nunca se vira no deserto. Uma muralha intransponível, fosse por homem ou carniçal. Uma muralha que resistiria enquanto o deserto resistisse.

Attallah e Hawa estavam enfim seguros, e pela primeira vez em suas vidas os jovens ousaram ter esperança de que o destino lhes reservava algo além da morte. Uma vida juntos. Então eles casaram.

Mas os carniçais encararam a grande muralha da cidade como um desafio a ser vencido, e se

reuniram em número ainda maior para atacar Attallah e Hawa, deixando os amantes presos atrás dos muros impenetráveis que tinham ajudado a construir. Mas não demorou para o sultão descobrir que um exército de monstros pretendia matar a princesa, e enviar seus homens para ajudar sua filha e o marido.

A batalha durou cem noites.

Hawa já estava quase sem voz, então não poderia mais chamar o sol para ajudar seu amor. Só podia assistir. Dos muros, ela assistia seu marido partir ao anoitecer e voltar pela manhã, arranhado, ensanguentado e cansado. Mas vivo. Ainda vivo.

Os soldados e os civis da cidade viam a cena e sussurravam entre si que o amor de Hawa protegia Attallah. Que enquanto ela o observasse, nem ele nem o exército falhariam.

Hawa o assistiu por cem noites. E o exército lutou. E continuou a matar os carniçais. Embora parecesse que, para cada monstro que caía, dois outros surgiam.

E então, na centésima primeira noite, uma flecha errante acertou em cheio o coração da princesa Hawa.

Hawa pensava que, se Attallah morresse, seu coração se despedaçaria de forma irreparável, e ela também partiria. Mas ao ver seu amor cair da muralha, foi o coração do guerreiro que se partiu, e ele morreu com a espada em punho.

O exército ficou sem líder, e os carniçais se prepararam para vencê-lo. Mas enquanto o corpo de Hawa caía, disseram que o sol nasceu não do céu, mas do coração da própria princesa. Brilhando mais do que nunca. E ela caiu como uma estrela cadente, tão brilhante que nenhum carniçal teve tempo de fugir.

Eles simplesmente queimaram diante de sua luz, e quando seu corpo atingiu a areia, o campo de batalha não passava de cinzas.

A cidade ficou de luto.

Eles lamentaram a perda de seu herói e de sua princesa. O sultão apareceu e chorou sobre o corpo caído da filha, que descansava ao lado do marido.

Eles deram à cidade o nome de Saramotai em honra à princesa.

E ficaram de luto por cem dias após suas cinzas serem soltas ao vento de cima da muralha.

Mas fora uma tremenda vitória. Disseram que aquele foi o dia em que mais carniçais da Destruidora de Mundos foram mortos desde o começo da guerra. Em apenas uma noite, milhares deles pereceram, reduzindo e assustando os batalhões da Destruidora de Mundos. Alguns de seus monstros até fugiram para se esconder no deserto, passando a temer a luta contra os mortais. E nenhum carniçal voltou a assombrar Saramotai.

A morte de Hawa e Attallah acabou salvando muitas vidas. O mundo mudou. Pela primeira vez, homens caçavam monstros e não o contrário.

E, ainda hoje, as muralhas de Saramotai permanecem de pé.

O djinni e a fugitiva



HAVIA MANEIRAS MAIS ESPERTAS DE APROVEITAR UMA CHANCE DE FUGIR.

Zahia Al-Fadi sabia disso. Mas também achava que existiam jeitos mais estúpidos. Ela conseguira suprimentos e água, e se mantinha escondida na base das montanhas. Se tentasse fugir correndo direto para Juniper, teria que atravessar o deserto a céu aberto. Seria um alvo fácil. As rochas ao menos ofereciam alguma cobertura.

Zahia dobrou as mangas da camisa, agarrou a pedra acima dela e subiu com um grunhido. Ela estava toda machucada de tanto escalar e deslizar pelo terreno pedregoso. Ao se içar sobre a rocha empoeirada, a garota notou que sua mão esquerda deixara um borrão de sangue para trás. Depois de puxar o resto do corpo para cima, ela olhou a mão. Como imaginava, havia esfolado as juntas dos dedos.

Ela sentou um pouco, arfando e decidindo o que faria com a mão ensanguentada. Estava sem curativo, não achava que iria se machucar. Tudo o que restava a Zahia era seguir em frente.

Ela balançou as pernas na beira da pedra, pronta para deslizar pela área rochosa.

Foi quando notou um jovem olhando para ela, abaixo dos seus pés pendurados.

— Oi — ele disse, calmo. — Que dia abafado, né?

Zahia puxou o pé de volta e quase caiu da pedra que demandara tanto esforço para subir, se reequilibrando bem a tempo.

Ela esticou o pescoço para dar uma boa olhada naquele estranho, preparada para correr a qualquer momento. Ele soava jovem, talvez um ou dois anos mais velho do que Zahia, que tinha dezenove. Estava deitado com as mãos atrás da cabeça, como se quisesse relaxar sob o sol impiedoso do deserto. Vestia roupas simples de viagem, e não dava para ver muito do seu rosto, coberto por um sheema.

Dava para perceber logo de cara que ele não era das redondezas. E definitivamente não era da Vila da Poeira. Isso o tornava mais ou menos perigoso, dependendo de como ela encarasse a situação.

Zahia mudou o peso de um pé para o outro. Podia sentir o calor do solo mesmo através das botas.

— Está sempre *abafado* — Zahia respondeu com um toque de sarcasmo. Estava um calor escaldante. Mas ele não parecia suar como ela, apesar de estar debaixo do sol, sentado no que parecia uma pedra prestes a entrar em combustão. — Se quer descansar, é melhor procurar uma sombra. Acho que já ajudaria.

— Pois é — o jovem se moveu um pouco. Até aquele momento, sua perna direita estivera dobrada, mas ele a esticou para que Zahia pudesse vê-la com clareza. — Mas estou com um probleminha.

Zahia fez uma careta de aflição. Havia uma armadilha de metal presa na perna dele. O ferro penetrava o tornozelo, acorrentado a um gancho fincado na montanha. Era uma das velhas armadilhas para capturar buraqis que ainda estavam espalhadas pelos arredores da Vila da Poeira.

— Como foi que isso aconteceu? — Zahia perguntou.

— Eu estava com a cabeça cheia. Não prestei atenção enquanto andava. — Havia um tom pesaroso em sua voz agora. — Sou o único culpado. Eu e seja lá quem armou isso aqui. Mas não ando com estômago para vingança nos últimos tempos.

— Claro — disse Zahia. Ele tinha um sotaque estranho. Ainda era pertencente ao deserto, mas não do sul, e não soava exatamente do norte. Nem do leste, na verdade. E havia uma pitada estranha em suas palavras. — Por que você não estava andando pela estrada? Lá é mais difícil cair em uma armadilha.

— Poderia perguntar o mesmo a você — ele sentou em um movimento suave e apoiou os braços casualmente sobre os joelhos. — Mas acho que devíamos deixar as perguntas para depois que você me tirar daqui.

Zahia soltou um assobio baixo de zombaria, que Safiyah, sua irmã mais velha, lhe ensinara.

— Olha, é bem ousado da sua parte achar que vou te soltar.

Sob o sheema, ela viu o jovem erguer a sobrancelha de forma inquisitiva.

— Você deixaria um homem nas montanhas para morrer?

A insinuação deixou Zahia irritada.

— Em primeiro lugar, não acho que você vai morrer aqui.

— E em segundo? — o estranho perguntou quando Zahia lhe lançou um olhar penetrante.

— Eu ia chegar lá se você não me interrompesse. Em segundo lugar, se eu te libertar, o que me garante que você não vai me roubar e *me* deixar para morrer? Você é um estranho vagando fora da trilha que não quer contar o que veio fazer aqui. — Ela cruzou os braços, se divertindo com sua pequena dose de poder. — Não é digno de muita confiança. Na verdade, é digno de muita *desconfiança*.

O homem a olhou com uma expressão levemente divertida, como se estivesse gostando daquela conversa, mesmo com uma armadilha perfurando seu tornozelo.

— Acabou a lista? Sinto dizer, mas ela é meio curta.

— Em terceiro lugar — Zahia disse, tendo uma ideia —, tenho uma oferta pra você.

— Uma oferta além de me libertar?

— Um acordo. Eu te dou comida e água suficientes pra você sobreviver até alguém aparecer e te soltar. Então, se você for um bandido perigoso, pode roubar outra pessoa.

O estranho pareceu considerar a proposta.

— Por "outra pessoa" você se refere àqueles que vão passar por esse caminho atrás de você? — ele perguntou por fim.

Aquilo pegou Zahia desprevenida.

— Como sabe que tem gente atrás de mim?

— Você é uma estranha vagando fora da trilha que não quer contar o que veio fazer aqui. — Ele repetiu as palavras de Zahia secamente. — Nada muito complicado de deduzir. Na verdade, bem descomplicado. — Ela o encarou, afastando seu cabelo escuro da testa molhada. Ele continuou: — Mas o ponto é que eu acho que não vou precisar de comida ou de água para sobreviver até os homens que estão te perseguindo me encontrarem. Já que eles vão chegar aqui em poucos minutos.

Zahia abriu a boca para perguntar como ele sabia daquilo, mas o jovem pressionou o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio. Ela ficou calada. E logo escutou os sons. Vozes e passos ecoando pelas rochas em sua direção. Eles deviam estar a alguns minutos de distância.

— Você não vai conseguir escapar — ele disse com franqueza, enquanto Zahia olhava em volta, em pânico. — Ainda mais se deixar para trás alguém que pode contar para onde você foi.

Ela soltou um monte de xingamentos em voz baixa. Ele estava certo: Zahia podia fugir, mas não conseguiria se esconder. E, naquele terreno pedregoso, não conseguiria nem fugir muito rápido.

— É o seguinte, garota fugitiva — disse o jovem. — Vamos fazer um acordo. Se você me livrar disso… — Ele apontou para a armadilha ainda fincada no pé. — Te mostro um lugar aqui perto onde você pode se esconder até eles seguirem em frente. Se não topar, talvez eu precise gritar para pedir ajuda. Só pra ter certeza de que vão me encontrar, sabe como é.

Zahia havia crescido na Vila da Poeira, então sabia reconhecer uma ameaça. E não gostava de ser ameaçada. Em parte era por isso que tinha fugido, aliás. Mas apesar de sentir vontade de largar o estranho no deserto ao ouvir aquilo, ela também não queria ser pega.

As vozes estavam cada vez mais próximas. Zahia podia distinguir a de seu pai entre elas. Se fosse pega, não havia dúvida de que seria espancada e arrastada de volta à Vila da Poeira. E o que esperava por ela lá seria ainda pior.

Ela se voltou para o estranho e, antes de pensar melhor sobre o quão idiota era aquilo, saltou para perto da perna dele, quase perdendo o equilíbrio. Ele segurou seu braço para ajudá-la a se estabilizar. Ele era forte. Ela o encarou, assustada. E encontrou seus olhos pela primeira vez.

Ele tinha o olhar mais incrível que Zahia já tinha visto. Não era escuro como esperava. Era azul brilhante. Azul como um céu claro do deserto. Como a essência de uma fogueira. Azul e perturbadoramente sobrenatural.

Zahia desviou o olhar rapidamente, voltando a atenção à armadilha. Era um mecanismo pequeno e complexo, projetado para manter um buraqi preso por tempo suficiente para ser domado e receber ferraduras de ferro. Mas Zahia era filha do deserto e sabia o que precisava fazer. Ela mexeu em algumas peças, e a armadilha se abriu tão rápido quanto havia se fechado.

O estranho soltou um suspiro de alívio. Pela primeira vez, Zahia se deu conta de quanta dor ele devia estar sentindo, com o pé preso naquilo. Uma vez, Rabi Al-Oman tinha ficado com a mão presa em uma armadilha igual, e gritara tão alto que desmaiou de dor. Foi preciso amputar a mão dele. Mas esse rapaz havia ficado sentado ali, paciente, conversando com ela sem levantar a voz. Nem parecia sentir dor.

Seus pensamentos foram interrompidos por um grito próximo dali. Os homens deviam ter encontrado o lugar onde ela havia se cortado e deixado marcas de sangue.

— Você estava falando a verdade? — ela perguntou, encarando o estranho, se esforçando para esconder o desespero em sua voz. — Quando disse que havia um esconderijo?

— Sim — disse o homem. — Não mentiria pra você.

Ela apoiou o ombro embaixo do braço dele para ajudá-lo a levantar. Ele era mais leve do que Zahia havia suposto, e ela podia sentir a firmeza de seus músculos contra seu corpo.

— Por ali. — Ele apontou para um ponto um pouco mais acima.

Eles começaram a andar o mais depressa que podiam. Mesmo com o estranho mancando, quem chegou ao topo ofegante foi Zahia.

— Falta muito? — ela perguntou, sem ar.

— É por aqui — ele disse calmo, enquanto eles contornavam o penhasco. — Ali.

Zahia não viu nada. Seu coração disparou, sentindo um pânico repentino. De ter sido convencida a seguir esse homem para um lugar onde não poderia ser encontrada. Ela tinha certeza de que ele conseguiria dominá-la, independente de quão machucado estivesse. Mas de repente ele se afastou de Zahia e, antes que ela entendesse o que acontecia, tinha desaparecido.

Ela correu atrás dele.

Após alguns passos, percebeu que o estranho não havia realmente desaparecido. Era uma caverna, cuja entrada era coberta por um afloramento rochoso parecido com uma parede sólida, a menos que fosse vista do ângulo certo.

Quebrava um galho como esconderijo.

Zahia seguiu o estranho caverna adentro. Ela sentiu o alívio assim que saiu do alcance do sol. A caverna era agradável, seca e fresca, intocada pelo calor insuportável do lado de fora. Mas, mesmo assim, ela hesitou na entrada. Zahia não confiava no escuro. Pesadelos, andarilhos e outros carniçais podiam ser raros agora, mas não estavam extintos — e gostavam do escuro. Podia haver qualquer coisa escondida ali.

— Acho melhor acender alguma luz — o estranho disse, como se lesse seus pensamentos. Ele ajoelhou perto de uma pilha de gravetos que Zahia não havia notado. Uma faísca disparou de suas mãos e, em um instante, luz bruxuleava pelas paredes da caverna. Ela procurou a pederneira ou fósforo que ele devia ter usado para acender o fogo, mas não viu nada, nem quando o estranho se recostou na parede.

Agora que estavam escondidos, ele desenrolou o sheema, e iluminado pelo fogo, Zahia o viu de verdade pela primeira vez. Ele era incrivelmente lindo. Como havia suposto, não parecia muito mais velho do que ela, e seu rosto trazia traços esculpidos como os de um herói. Seu cabelo escuro estava um pouco bagunçado, de modo que parecia estar no meio do caminho entre garoto e homem. Suas

feições, porém, eram sérias, sem qualquer resquício infantil.

Zahia sentou, deslizando devagar as costas pela parede até o chão, mantendo uma distância segura dele. O estranho agachou do outro lado da fogueira, sem chegar perto dela. Agora, com a luz do fogo, ela podia ver que a caverna não era muito profunda. Era como se aquele pequeno esconderijo tivesse sido feito só para eles.

Eles ficaram quietos, ouvindo só os estalos da fogueira. Zahia ficava cada vez mais incomodada à medida que observava o fogo. Ele não ficava maior nem menor. As chamas não se movimentavam como numa fogueira normal. E mesmo prestando atenção, os gravetos não pareciam escurecer enquanto o fogo os consumia.

Então Zahia voltou a ouvir as vozes. Os homens estavam subindo a montanha. Ela sentiu seu coração acelerar. Tinha sido imprudente escalar até ali. Será que haviam deixado pegadas ou marcas de sangue? Ou ela havia deixado algo cair?

— Você está com medo — o estranho cochichou, para que apenas ela ouvisse.

— De que eles me encontrem? Sim — disse ela.

— Do que está correndo, garota fugitiva?

— Zahia — ela disse sem pensar. — Não, não é dela que estou fugindo. Esse é meu nome. Zahia.

Ele a analisou por um momento.

— O meu é Bahadur — ele disse antes de repetir a pergunta: — Do que está fugindo, Zahia?

— Do meu marido — respondeu Zahia. — Bom, quase marido. Meus pais querem que eu case com ele. E eu não quero. Ele é grosseiro, violento e me assusta. — Ela não entendia por que estava admitindo isso para ele. Para um estranho. Zahia não gostava de revelar seus medos. De onde ela vinha, era sinal de fraqueza. Safiyah era a única pessoa que sabia daquilo. — Ele já teve uma esposa antes de mim — ela emendou, tentando não parecer só uma garota tola assustada com o casamento. — Ela morreu. Todo mundo fingiu que ela caiu da escada de casa no meio da noite, mas ninguém fica tão machucada só de tropeçar de três degraus. — Seus olhos a fitavam sérios. — Não quero morrer tropeçando numa escada.

— Você não vai — disse Bahadur, tão baixo que Zahia quase não o escutou. Aqueles olhos azuis pareciam estranhamente concentrados nela, e Zahia virou o rosto para escapar daquele olhar.

— Não — ela concordou. — Não vou. Vou fugir. Vou encontrar minha irmã. Não Farrah, que mora na Vila da Poeira e já tem dois filhos. — Ela não sabia por que estava desabafando. — Ela não vai sair de lá tão cedo, nem me ajudou quando pedi. Mas minha irmã Safiyah, que queria ir embora daqui, e conseguiu. — Foi um choque para a cidade inteira quando Safiyah partiu. Ninguém abandonava a Vila da Poeira. Especialmente garotas sozinhas. Mas Safiyah não era uma ninguém. E Zahia também desejava ser alguém. — Eu devia esperar até ela ter dinheiro suficiente pra conseguir alimentar nós duas, mas não aguentava mais.

— E onde ela está agora? — ele perguntou.

— Em Izman. — Zahia se afastou da parede, mais animada agora. Não conseguia evitar. A capital de Miraji, as histórias que havia escutado sobre ela… Iam muito além do que era capaz de imaginar. E por isso mesmo deviam ser verdade. — Você já esteve lá?

Bahadur parecia prestes a responder, até que, de repente, mudou seu foco. Ele pressionou o dedo

na boca outra vez. E Zahia ouviu. As vozes estavam muito próximas, perto demais para arriscar sequer um sussurro.

Seu coração disparou. Eles iam encontrá-la. E quando encontrassem… ela seria arrastada de volta até Hamad e obrigada a casar com ele. Iam segurar sua mão sobre o fogo matrimonial e tirar sangue de seu dedo se necessário. Ela não seria a primeira noiva a chorar na cerimônia. Seria tão ignorada quanto as outras.

Seu pânico estava chegando ao ápice quando as vozes do lado de fora se transformaram em gritos.

Ela esticou a cabeça na direção da entrada, tentando ver o que acontecia. Os gritos ficaram mais altos à medida que ela erguia o pescoço para enxergar pela fresta na pedra. Ela ouviu antes de ver: o vento chicoteando, a batida do deserto contra a rocha.

Uma tempestade de areia.

Ela havia surgido do nada, e ficava cada vez mais furiosa. Isso acontecia às vezes, um céu azul de repente se transformava em uma tempestade impetuosa. Ainda que as tempestades não costumassem chegar tão alto nas montanhas. Os homens que a perseguiam não seriam capazes de enxergar a um palmo da testa no meio daquela tempestade, muito menos persegui-la.

Em meio aos gritos, ela ouviu vozes amedrontadas recuando até restar apenas o som da tempestade furiosa do lado de fora.

— Já estive em Izman — Bahadur respondeu após um momento de silêncio, como se nada tivesse acontecido. — Muito tempo atrás. — Sua voz diminuiu, como se ele lembrasse de um sonho. — Imagino que tenha mudado desde então. O lugar onde a grande cidade de pedra de vocês está erguida hoje costumava ser uma cidade de tendas, sabia? De todas as cores que o mundo já viu, pontilhando a areia. Isso foi durante a primeira guerra contra a Destruidora de Mundos. Por um longo tempo, a humanidade se espalhava por todo o deserto, homens e mulheres reunidos em pequenas tribos, lutando para permanecerem vivos a cada noite. Lutando para sobreviver até o sol nascer, reféns dos carniçais e de grandes monstros que os atacavam. Nunca ficavam muito tempo no mesmo lugar, ainda mais depois de serem encontrados pelos monstros. Tudo o que podiam desejar era sobreviver para poderem fugir e lutar mais um dia. Até que eles se uniram. Líderes das doze tribos concordaram que seriam mais fortes juntos, e se reuniram perto do mar. Ninguém nunca tinha visto algo assim. Nunca uma quantidade tão grande de humanos. Eles armaram acampamento no lugar que hoje se chama Izman. Mas quando não conseguiram concordar sobre quem seria o líder, chamaram os djinnis para julgar quem é que mais merecia governar. Então os djinnis apareceram e organizaram uma disputa.

Quanto mais ele falava, mais levava Zahia para longe, como se a tempestade de areia tivesse consumido o mundo inteiro e só restassem os dois. Ela podia ver tudo acontecer conforme ele contava sobre a disputa para escolher o primeiro sultão de Miraji. Que se tornou uma lenda, por fundar Izman. E o pai de uma lenda, porque sua filha era a princesa Hawa, a garota cujo canto fazia o sol nascer no céu. Zahia conseguia visualizar tudo isso. O sangue de cada competidor na areia; os aplausos quando um homem superava outro em sagacidade, força e sabedoria; a luz brilhante das tendas de Izman, pontos coloridos e cheios de vida espalhados pelo deserto, enquanto a humanidade se unia contra a escuridão.

No fundo ela sabia que ainda era o mesmo dia, não milhares de anos antes. E que eles ainda estavam no mesmo mundo de onde ela fugira naquela manhã. O mundo sujo e manchado de fuligem,

cheio de violência e medo, com homens que a caçavam para arrastá-la de volta. Mas ela já não o sentia — estava dentro de um sonho, onde homens eram heróis e mulheres teciam magia do ar. Onde os indignos, cruéis e injustos eram derrotados por forças maiores. Onde os príncipes montavam em nuvens e iam para terras desconhecidas, e as crianças dançavam com fantasmas quando ninguém estava olhando.

Quando Zahia finalmente voltou a falar, a noite já tinha caído lá fora fazia tempo.

— Essa foi a última vez que você esteve lá? — Sua própria voz não parecia real.

— Que pergunta estranha, garota fugitiva. — Suas palavras espiralaram em volta dela, como se a convidassem de volta para aquele mundo à parte. E ela sabia que era verdade. Soube quando viu que ele não sangrava na armadilha. Quando ele não ficou sem ar depois de subir a montanha. Quando acendeu o fogo sem fósforos. E quando a tempestade de areia impediu que fossem descobertos.

Ele não era humano.

— Você não voltou desde então? — ela perguntou novamente. — Para Izman? Desde os dias em que era uma cidade de tendas?

Os dois haviam se aproximado enquanto ele tecia aquele mundo de histórias ao redor deles.

— Dei o melhor de mim para ficar o mais longe possível desde então — ele disse, calmo. — É um lugar de lembranças dolorosas.

Havia mais ali. Segredos não compartilhados. Pedaços da história que ele não havia contado a ela mas apenas insinuado, quando falava de Hawa sem chamá-la de princesa, ou ao mencionar como a guerra fez o primeiro sultão de Miraji negligenciar sua bela e jovem esposa.

Mas Zahia sabia que era melhor não fazer perguntas. Ela sentia como se não fosse completamente real naquele momento. Como se pudesse desaparecer se ele parasse de falar, ou se ele a abandonasse. E quando ela se inclinou para perto, e encostou seus lábios nos dele, se sentiu como a heroína destemida de uma história muito antiga, de quando o mundo era diferente. Quando seu destino poderia ter sido outro.

Tudo parecia um sonho muito distante quando ele a beijou. Quando passou seus braços em volta dela. Quando as mãos dela apertaram seu corpo, na tentativa de encontrar o fogo embaixo da pele que podia sentir com seu toque. Ao perceber que não havia uma batida de coração em seu peito. Mas que ele ainda era calor sólido, e que estava lá com ela no escuro.

Zahia acordou do sonho sentindo frio.

De volta à realidade.

Na vida real, ela não estava envolta pelo fogo. Só havia uma coberta em volta dela. O fogo tinha se transformado em brasas. E, mais do que isso, ela estava sozinha.

Lá fora a tempestade de areia havia parado e as vozes estavam de volta. Elas que a acordaram. Ela se vestiu depressa. Tentou não fazer barulho. Mas não foi silenciosa o bastante. Acabou sendo encontrada. Porque na vida real, ela era uma garota da Vila da Poeira. E foi para lá que eles a arrastaram de volta, ensanguentada e agredida pela desobediência, lutando para não chorar. Não de

dor, mas de raiva. A raiva que sentia por aquela ser a sua realidade. Por não existirem heróis. Por não haver ninguém para salvá-la.

Ela estava na Vila da Poeira quando foi obrigada a casar com Hamad. E quando fechou os olhos na cama durante a noite de núpcias e esperou que aquilo acabasse.

Ela estava na Vila da Poeira quando segurou sua filha nos braços pela primeira vez. Quando a menina abriu os olhos, Zahia viu que eles eram tão azuis quanto o céu do deserto e, por apenas um instante, olhando para ela, Zahia voltou a sonhar.

Ela a chamou de Amani. E quando sonhou naquela noite, viu Bahadur mais uma vez. Ele lhe perguntou qual era o seu maior desejo para a filha deles. Não importava o que fosse, ele concederia. E ela respondeu.

E quando acordou, jurou para a filha que elas fugiriam novamente. Juntas, dessa vez.

Mas quinze anos depois, Zahia ainda estava na Vila da Poeira. De pé na janela da cozinha, observava a filha, que achava que ninguém a via quando ia atirar tão longe no deserto.

Ela estava tão absorta que não o ouviu até a porta ser aberta com um empurrão. Zahia deu um salto, lento demais para esconder o que estava fazendo.

Hamad disparou para cima dela. E antes que pudesse escapar, seu braço estava em volta dela, prendendo-a contra seu peito. Uma paródia de um gesto de amor.

— Observando nossa filha? — Esmagada contra ele, os dois viam Amani. — Só que ela não é *nossa* filha, não é mesmo? — Ela sentiu o bafo quente em seu ouvido. Zahia não respondeu mesmo quando recuperou sua frieza. Ela tinha consciência de que ele sabia. Ele sabia havia muito tempo. Mas esse era um jogo dos dois. — Ela é *sua* filha. O que aconteceu, Zahia? Algum soldado gallan a agarrou sozinha atrás da Casa de Oração? Foi por isso que tentou fugir?

Não, Zahia pensou. *Eu estava fugindo de você.*

— Me pergunto se ela me daria os filhos que você não deu. — Hamad sussurrou em seu ouvido.

Zahia ficou tensa. Ela havia notado, no ano anterior, o modo como ele havia começado a olhar para sua filha. Tinha esperanças de conseguir dinheiro suficiente para tirá-las de lá antes que Hamad realmente percebesse que Amani não era mais uma garotinha.

Lá fora, a menina ergueu a arma. Apontou para uma lata e disparou um tiro mirado com perfeição, que a mandou girando para a areia.

Zahia soube na mesma hora como aquilo terminaria. Sua filha imprudente e ousada segurando uma arma. Ela se defenderia. Então seria enforcada por isso.

Ela de repente lembrou de estar em uma caverna quando era pouco mais velha do que a filha era agora. Dizendo a Bahadur que não iria morrer nas mãos de Hamad. Ele prometeu a Zahia que não iria. Ele não mentiria para ela.

Ela se moveu rápido. Tirou a arma do cinto de Hamad, escapando de seus braços. E apontou direto para o coração dele.

Só foi preciso uma bala para matá-lo. Mas ela esvaziou a arma mesmo assim. Então riscou o fósforo. E a casa se incendiou como lenha.

Tudo que aconteceu depois parecia um sonho. Zahia tinha a leve consciência de que havia uma

corda em volta de seu pescoço. Ela olhou para as pessoas da Vila da Poeira, e algumas de Tiroteio que vieram para o espetáculo. Pareciam muito distantes. Mas sua filha de olhos azuis era real. E ela rezou para que Amani conseguisse o que Zahia nunca havia conseguido.

Um jeito de fugir.

Alguém chutou o banco debaixo dos pés de Zahia.

Ela só teve um único pensamento enquanto caía.

Um jeito de fugir diferente desse.


HAZEL GARDNERY

ALWYN HAMILTON nasceu em Toronto, no Canadá, e já morou na França e na Itália. Estudou história da arte no King's College, em Cambridge, e atualmente vive em Londres. Tem o hábito de comprar livros demais — péssimo para alguém que está sempre mudando de casa.

Copyright © 2018 by Blue Eyed Books Ltd

Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency ab.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Tales from Sand and Sea

TRADUÇÃO Eric Novello

CAPA Tamires Cordeiro

ILUSTRAÇÕES DE CAPA Shutterstock

PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Antonio Castro

REVISÃO Érica Borges Correa

ISBN 978-85-545-1157-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br